

Livro «a la gorra»

Este é um livro «a la gorra». Eu assumo a impressão e faço a distribuição livremente. Se você gostar, você põe um preço.

Este sistema me permite publicar sem que me enrole com a burocracia e a industria editorial incerta.

Existem duas formas principais de fazer um pagamento:

- Em dinheiro
- Paypal/Cartão de crédito: [paypal.me/jmguerrera](https://www.paypal.me/jmguerrera)

Se tiver outras sugestões, me contate.

Obrigado :)

Contatos:

- Web: jmguerrera.com.ar
- Blog: medium.com/@jmguerrera
- Email: jmguerrera@gmail.com
- WhatsApp: +54 9 11 2283 9356

A maldade imperceptível

Juan Manuel Guerrero

Aos que dão primeiro.

Introdução

Este é um livro de relatos curtos. Surgiu de um compilamento das melhores peças (para esta edição) dos meus quatro livros publicados até o momento: *Punto Rosalía*, *Una aventura miserable*, *Esto no va a ser fácil* e *Sucesión de despertares en una ciudad desconocida*.

Há também outra forma de apresentar este livro: é o melhor que tenho para oferecer. Encerra a tranquilidade epicteteana de eu não ter guardado nada, a trágica confirmação de que isso é tudo, de que não há mais, de que tantas horas de trabalho ficaram reduzidas a este discutível punhado de páginas; e, a resignação de imprimir este livro apesar de saber ou desejar (quem sabe estas duas coisas sejam uma) que os melhores escritos ainda estão por vir.

Em outras introduções, divaguei sobre os limites entre a ficção e a realidade dos meus relatos, sobre a temática dos mesmos ou sobre quanto padeço escrever introduções como esta. Mais de uma vez, me propus em vão, incluir alguma reflexão sobre as últimas motivações dos meus escritos. No entanto, hoje não escreverei sobre estas questões. O peso argentino voltou a desvalorizar e a impressão de páginas adicionais é cada vez mais cara.

Apenas direi que nasci, vivo e viverei na Argentina, o canto incompreensível. Terra fértil para a soja e a literatura. O berço de Borges, Messi e Francisco. O país que insiste em avançar indo para trás.

Um pouco mais sobre mim se esboça na Breve biografia no final do livro.

Esta edição se publica sob uma *Licencia Creative Commons* muito aberta que qualifica como *Licencia de Cultura Livre* (ver página 143). Pode ser republicada livremente, inclusive, com propósitos comerciais.

Sonho em Uppsala

Para Karina.

*«Tudo isto é como um sonho—disse— e eu nunca sonho.»
Javier Otálora, no conto Ulrica de Jorge Luis Borges*

Acabo de acordar. Ainda é de madrugada, mas a manhã já domina a enorme janela do meu quarto. Através do seu vidro duplo, da minha cama, só posso ver um enorme arvoredado feito de verdes que no inverno devem ser brancos. Já não posso voltar a dormir.

Lembro de tudo com impressionante clareza.

Como se fosse uma saga mais de Flateyjarbók, nosso encontro com sabor a mito ocorreu nas margens do rio Fyrisån.

— O que estava fazendo?— lhe perguntei, ainda que já soubesse.

— Nada especial, caminhava sozinha— me presenteou um espaço que a realidade nunca teria me oferecido.

— Como eu. Talvez possamos fazer isso juntos— me servi da brincadeira de Schopenhauer citada por Javier Otálora.

Caminhamos. Apenas poucos metros depois de conhecê-la, soube que estava apaixonado. Até este momento, eu nunca tinha me apaixonado.

Graças a uma dessas razões que só tem lugar em um sonho, pude saber que tudo se definiria algumas horas mais tarde, à meia noite. Porém, não se tratava de esperar por esperar, mas de dar forma de livre arbítrio a esse tempo inevitável.

Quase sem perceber, visitamos todo o Stadsträdgården. De volta ao ponto mais alto podíamos ver o Slott, ou seja, o castelo. Era rosa, de torres amáveis e arredondadas, dignas da mais pura e fina fantasia. Ela não pôde negar o meu desafio e corremos até ele. Apesar do seu melhor estado físico, não conseguiu me derrotar, talvez porque eu fosse homem ou talvez porque nas utopias dos sonhos o apaixonado sempre vence.

Enquanto recuperávamos o fôlego, tive a certeza de que um beijo inesperado não estava proibido. Me contive porque, apesar da segurança inconfundível que produz a atração mútua, ainda era inaceitavelmente cedo.

Eu sentia que a conhecia desde as remotas épocas de Ýmir, mas o tempo compartilhado ainda se contava em minutos.

Ela estava sedenta, embora não parecia ser devido a corrida, mas a algo mais fundamental e perene. Senti que tinha estado desde o momento em que nos conhecemos, ou talvez, de muito antes, desde sempre. No centro do pátio do Slott havia uma fonte. Bebemos, porém sobretudo ela bebeu, muitíssimo, como se respirasse água no lugar de ar.

Saímos do Slott e caminhamos ao longo do seu parque, o Slottparken, como tantas vezes deveria ter feito o antigo rei Jans. A solidão que nos cercava era absoluta e acentuava a proximidade que crescia entre nós como a extensão dos dias durante a primavera escandinava. Uns poucos coelhos marrons, com pinceladas brancas e negras sobre suas orelhas, brincavam sobre a margem esquerda do parque.

Enquanto seguíamos conversando, ela tinha o estranho costume de diminuir seu passo até parar e me encarar. Talvez não saiba que, no sul, essa demora era um convite ao beijo. Quando chegamos ao final do caminho, alguns sinos começaram a soar. Instintivamente, procurei a Domkyrka, sempre imponente e visível, mas não pude vê-la. Nesse momento, ela parou mais uma vez.

Lhe falei de um desejo, do parque, da solidão, dos sinos, do meu peito angustiado, da tentativa em vão de me conter. Quis beijá-la, mas ela me deteve. Olhou para baixo e não disse nem uma palavra. Nossa intimidade, a qual eu tanto temia rachar, se pronunciou.

Mais uma vez, como se houvesse perdido a memória, me confessou estar sedenta. Olhei pra ela desconcertado durante um tempo indecifrável.

Deixamos o parque. Uma caminhada com vida própria nos conduziu até o centro da cidade.

Todas as pessoas que não estavam no parque se encontravam ali. Descobrimos um bar que eu nunca tinha visto antes, apesar do meu minucioso conhecimento da cidade. Sobre o balcão central, havia uma grande quantidade de garrafas de água. Parecia que os responsáveis desse lugar alheio à minha memória sabiam que ela e sua sede chegariam em breve. Com estranha naturalidade, ela bebeu com devoção e pareceu encher-se de uma certa calma que imaginei frágil demais.

A noite seguia disfarçada de tarde. Em frente ao bar fluía o rio, o mesmo de antes, e sobre ele havia uma delicada ponte cuja sustentação lateral desfrutava da companhia de infinitas flores multicoloridas. Fomos

até ali, como se buscássemos que essa imagem fosse parte da nossa lembrança.

Em silêncio, nos apoiamos sobre o corrimão florido da ponte. Dessa proximidade, com o ar perfumado, vimos como o céu limpo ia escurecendo. As palavras só teriam acrescentado imprecisão a esse momento tão diáfano quanto o firmamento. Nos olhamos nos olhos e foi evidente que entendemos tudo. Sorrimos. Quis beijá-la outra vez, mas ela me deteve novamente, olhando para baixo.

Sob nossos pés, o rio transcorria de um modo que me lembrava o tempo. Um pouco mais adiante, a correnteza caía em uma pequena cachoeira. O som da queda também contribuía para embelezar esse passado, ainda presente. Mais longe, o mais improvável: uma grande quantidade de suecos cantavam, se abraçavam e riam.

Deixamos a ponte e o centro da cidade. As pessoas, assim como haviam aparecido de modo súbito, desapareceram por completo. Estávamos sozinhos outra vez.

Era quase meia noite. Meu coração sabia.

Nos sentamos em um banco perto de uma grande livraria. Os livros expostos na vitrine pareciam inescrutáveis. O banco era largo e tinha uma escultura que adornava uma das extremidades. Parecia um alce, a menos que alguém parasse para examiná-lo.

Tentado pela armadilha da análise, descobri também que todos os elementos dessa maquete que nos continha padeciam de uma suspeita prolixidade: os ladrilhos da calçada, os meio fios, as luminárias, o banco, a jovem árvore junto ao banco, as dezenas de bicicletas estacionadas; em definitivo, cada um dos objetos que nos rodeavam.

Das fachadas em frente, intermináveis fileiras de janelas iguais nos olhavam. Em cada uma delas, no centro, havia uma lâmpada branca que projetava uma luz tênue.

Os últimos raios de sol flutuavam sobre a cidade. A claridade moribunda abria um romântico manto de cálidas sombras, cuja concepção parecia ser obra da mesmíssima Freyja.

Não havia nem um sopro de vento, tudo estava congelado. Me sentia dentro de uma fotografia. O silêncio também era completo. Podia escutar as mais leves variações de sua linda voz sem nenhum tipo de esforço.

O frio, o eterno frio, simplesmente não estava presente.

Senti que ela, à sua maneira nórdica, buscava se aproximar. Uma vez mais, quis beijá-la. Me deteve, mas desta vez não olhou para baixo. O silêncio me pareceu um pedido de ajuda.

—Posso saber por quê?—lhe perguntei, traindo minhas mais profundas convicções sobre como enfrentar uma rejeição—. Pode dizer ‘não me sinto atraída por você’, a razão última, e essa razão será libertadora para mim.

Ela olhou para baixo e, como correspondia em sua terra, pensou na resposta.

—Outro amor— me disse e me condenou a um confinamento.

—Vai me beijar? —insisti em procurar uma saída para tanta incerteza.

—Hoje não— procurou adiar essa pequena morte com uma maçã de Iðunn. Em troca, eu senti sua resposta como um machado bem afiado afundado no meu peito, porque amanhã é, quase sempre, muito tarde.

Peguei sua mão. Ela não rejeitou.

Os sinos voltaram a soar. Era meia noite.

A partir desse momento, o final— a desintegração posterior ao final — se acelerou como uma queda livre, até ao ponto de não poder ser recordada.

Estou sozinho, sentado na minha cama, olhando para a janela que multiplica os verdes. Tudo foi tão incomum, tão mágico. Tudo, exceto a dor. Essa dor foi, é, e será sempre real demais.

A maldade imperceptível

Para Germán.

«A verdadeira missão de cada um era chegar a si mesmo. Poderia chegar a poeta ou a louco, profeta ou criminoso; isso não era assunto próprio: no fim das contas, carecia de toda importância. O que importava era encontrar seu próprio destino, não um destino qualquer, e vivê-lo por completo. Todo o restante eram mediocridades, uma tentativa de evasão, de buscar refúgio no ideal da massa; era encaixar; era medo ante a própria individualidade.»

Herman Hesse, no seu livro Demian.

«E por acaso é possível desfrutar da vida sem transgredir as leis da moral?»

Maximo Gorki, no seu conto O sacerdote da moral.

Sou um cara mau. Celebrar-lo é parte da minha maldade. A meu favor, posso dizer que se trata de uma maldade relativamente inofensiva, sutil, talvez indecifrável. E também, o mais importante, posso dizer que essa maldade me conduziu a uma verdade estremeceadora, a qual pretendo compartilhar com vocês através deste escrito.

Para chegar a tal revelação, é indispensável deixar que me conheçam um pouco mais. Ou melhor, deixar que conheçam um pouco mais minha rotina.

Pela manhã, quando acordo, não me levanto imediatamente. Em primeiro lugar, porque não necessito, já que meu trabalho me permite um horário de entrada bastante flexível. Em segundo lugar, e diria fundamentalmente, porque espero que meus companheiros de casa acordem. Quando toca o primeiro dos seus despertadores, então sim, corro até o banheiro e o ocupo. Por muito tempo e sem pressa. Me sento no vaso e dou tempo às minhas necessidades primárias, independentemente se me apressam ou não. Logo, me barbeio com lentidão e cuidado, atendendo a cada detalhe da minha barba, esclareço: não porque me importo de maneira

especial. Depois, me banho com uma ducha quente e reconfortante. Se é uma data especial para meus companheiros de casa, escolho um banho de imersão, com velas e incenso. Eles são muito previsíveis. Primeiro esperam porque sabem que não têm mais direitos do que eu na hora de ocupar o banheiro. Quando já passou um tempo razoável, batem na porta. Respondo de maneira neutra «Ocupado», o que não é de todo fácil, pois geralmente a situação me produz uma risada intensa que, às vezes, até contém felicidade. Depois de passar outro tempo considerável, pedem «para entrar, sem olhar». «Não, já saio» minto com descaro. Como não saio, começam a bater na porta e insistir. «Tem que levantar mais cedo», respondo. Quando a situação não dá mais, ai sim, saio. Situações comparáveis «são geradas» em relação a cozinha, à churrasqueira e outros ambientes da casa.

Claro que cada vez que fazemos uma reunião com colegas de casa, esses temas são tratados com profundidade. Então, só para estender o encontro ao máximo possível, ensaio explicações muito longas que se remetem à minha infância. Nessas justificativas, não economizo conceitos psicológicos ditos pelo meu terapeuta durante minhas sessões de psicanálise, as quais já levam mais de dez anos. Quando se cansam de escutar, tentam intervir, mas não permito; «eu escutei a todos atento e pacientemente, não peço nem mais nem menos que o mesmo, que tenham um pouco de respeito para com minhas palavras e permitam terminar a ideia, já que de outro modo... ». Ao final, se dão conta de que me interromper custa ainda mais do que me escutar. Assim, se resignam a me tolerar e, em um prazo mediano, acabam não abrindo muitos debates que, claramente, deveriam ser abertos.

É importante destacar que minha atuação maliciosa gera nos meus colegas a necessidade de serem melhores. Devem ser mais organizados, mais silenciosos ou mais perspicazes. Devem raciocinar melhor e evitar dar espaço à minha maldade. Com isso não quero dizer que eu seja bom. Sou malvado, sem dúvidas, mesmo que as pessoas não se deem conta. Por sua vez, me consideram um tanto complicado ou, não poucas vezes, serem elas mesmas as causadoras dessas situações nas quais se envolvem quando se relacionam comigo.

A grande diferença entre todos e eu — e não me refiro só aos meus colegas de casa — é minha maior disponibilidade de tempo, minha paciência de aço e minha absoluta imperturbabilidade frente às situações de conflito.

Quando por fim eles se mudam, eu faço o mesmo. No geral, me dirijo ao bar de sempre. Não escolho pela qualidade dos seus produtos ou pela sua atenção, mas porque tem uma mesa justamente em frente a um azulejo quebrado, no qual um surpreendente número de transeuntes tropeçam. Isso me causa muitíssima graça, especialmente, quando caem; às vezes, inclusive, esparramam papéis, ou melhor ainda, comidas e bebidas. Frequentemente, eu lhes dirijo a palavra quando passam, para aumentar a distração e promover a queda. Caso caiam, corro rápido para ajudar, principalmente para gozar do espetáculo desde um primeiríssimo plano. As pessoas, uma vez recuperadas, não sabem como me agradecer.

Também gosto desse bar porque tem vários habitués, aos quais eu gosto de surrupiar seu jornal favorito. Considerando que são vários e cada um com sua preferência, vou revezando as vítimas de forma aleatória para me entreter com uma variedade de rostos ofuscados e também para fazer do fenômeno algo inesperado. Quando chego ao lugar, identifico quais dos habitués ainda não chegaram e, em função disso, escolho os jornais. Às vezes, pego mais de um e tento que sejam ideologicamente opostos, de modo que quando o habitué vem pedir um dos jornais, me desculpo por estar lendo e lhe ofereço o outro. Ainda que relutantes, quase sempre aceitam. Com isso minha maldade e eu contribuimos para a tolerância política do nosso querido país. Em todo caso, uma vez que pego um jornal não o abandono até que o habitué tenha ido embora. Isto, às vezes, implica que eu chegue tarde ao trabalho, o que não representa um verdadeiro problema, já que gozo de estabilidade. Além disso, incomodar aos meus superiores com uma chegada tarde não é algo que me desagrada muito.

Se vou à um bar novo, gosto que seja extenso, sobretudo, de comprimento. Essa preferência se explica pelo meu desejo de sentar o mais longe possível do caixa, de tal modo que o garçom tenha que percorrer grande distância para me atender. É claro que o miserável não pode saber. Quando se aproxima pela primeira vez, comento com a maior amabilidade que estou esperando a um queridíssimo amigo e lhe agradeceria muito se pudesse, por gentileza, voltar em alguns minutos. A cena se repete duas ou três vezes. Quando o garçom se rende, então o chamo, comento com pesar que meu queridíssimo amigo não vai aparecer e faço algumas perguntas razoáveis, as quais algumas excedem o menu e exigem uma resposta da cozinha. O garçom vai, pergunta e volta com uma informação que, de maneira geral, resulta insuficiente. Tudo parece o mais natural e, muitas

vezes, os garçons não sabem como se desculpar por suas imprecisões. Eu os tranquilizo e, ao final, ordeno. Durante o serviço, chamo várias vezes e, além de destacar a qualidade do atendimento, lhes transmito novas inquietudes ou necessidades

Devo admitir que, além da maldade, possuo uma admirável capacidade lógico-matemática, a qual me permite atuar com uma grande coerência. As pessoas sentem as consequências da minha má intenção, mas sob nenhum ponto de vista podem me atribuir a responsabilidade, nem sequer frente às suas próprias consequências. Alguns poucos, os mais inteligentes, suspeitam que algo estranho acontece comigo. Eu posso ver que percebem, assim que, geralmente, me afasto deles. Eu gosto de incomodar as pessoas, não de complicar minha vida.

Uma vez que termino o café da manhã, vou em busca do meu carro. O trânsito da cidade é tão desordenado que seguir as regras pode significar uma verdadeira tortura para o resto dos motoristas. Por isso, apesar do tráfego intenso, deixo passar cada um dos pedestres que cruzam meu caminho, respeito cada um dos amarelos dos semáforos e dou passagem, sistematicamente, a outros motoristas em cada uma das esquinas. Este último caso me gera muitos conflitos internos, já que o incômodo que eu provoco em quem trafega atrás de mim é recompensado pelo alívio daqueles que eu deixo passar. Mas a vida é assim, às vezes não é possível mortificar a todo mundo ao mesmo tempo e passa a ser inevitável escolher os prejudicados. Em todo caso, sob nenhum ponto de vista facilito a passagem dos veículos que estão atrás. Não é tão fácil escapar de mim e das leis. Ninguém tem direito de fazer uma reclamação. Algumas vezes, vejo através do espelho retrovisor como os motoristas se indignam e gesticulam violentamente com os braços: abrem, batem no volante ou agarram a cabeça, enquanto se queixam com um copiloto imaginário. «Velho!», chegaram a gritar. Como resposta, sorrio e mostro o polegar para cima. Uma forma de reconhecer a ocorrência, mas sobretudo, de bloquear a descarga da raiva. É claro, não sou tão purista e posso abandonar o bando da lei quando a situação merece. Por exemplo, se o trânsito está muito paralisado e começam a escutar buzinas, me uno com determinação e intensidade deixando a buzina pressionada sem pausas, só para aumentar o estresse dos motoristas presos.

Como qualquer um pode imaginar, o trabalho é um ótimo lugar para espalhar minha maldade. Quando chego, não cumprimento o segurança,

pois percebi que minha indiferença lhe incomoda particularmente. Omitido o segurança, me dirijo ao elevador e espero todo o tempo necessário para subir sozinho. Por que? Porque me delicio com o delicado momento no qual estou dentro do elevador e outra pessoa vem correndo com a intenção de pegá-lo. Eu reajo de modo exagerado e aperto o botão «fechar» muitas vezes, todas as que eu possa. Se a pessoa chega, crê com ingenuidade que pôde pegar o elevador graças a mim, então me agradece. Se não consegue, lhe ofereço uma profunda cara de «nós tentamos» e, uma vez fechada a porta, vou sorridente até o andar do meu escritório.

Meu chefe quase nunca reclama pelas minhas chegadas fora de horário. Primeiro, porque não lhe interessa, já que não é o seu dinheiro que está em jogo. Segundo, porque quando tentou, foi exposto aos meus intermináveis argumentos, uma situação já descrita que qualquer pessoa com bom senso deseja evitar.

O trabalho que realizo é irrelevante para todos, exceto para o pobre cidadão que iniciou o trâmite. Esse pobre diabo que nunca chegará a me conhecer, não terá meios para reclamar e, com o tempo, aprenderá a se conformar com a espera. Visto que o único incentivo para avançar é a minha vontade, o processamento das fichas avança com enorme arbitrariedade e lentidão. É minha exclusiva decisão quantas fichas faço por dia, e o mais importante, quais. Por exemplo: tem fichas que adio porque o nome do cidadão em questão me desagrada; ou trâmites que cancelo porque tem um campo (talvez de escassa importância) sem completar; então, o trâmite volta e deve começar novamente.

Meus colegas de trabalho aprenderam a me evitar, o que é um lucro para todos, já que tampouco me interessa interagir com eles.

Também tenho subordinados. Graças a eles descobri alguns pontos sofisticados sobre a minha maldade. Ainda que seja difícil acreditar, existe nela certa grandeza, visto que não a espalho especialmente com meus subordinados, mas que a distribuo de modo democrático entre todo o organograma daqueles que se relacionam comigo. É como se o orgulho e a maldade, pelo menos em mim, fossem dimensões que se desenvolvem de maneira independente.

Quando saio do trabalho, geralmente, vou à universidade. Posso fazer isso graças ao meu tempo livre e a gratuidade do sistema. Não tenho nenhum interesse em obter um título, mas sim em participar das aulas com perguntas incômodas ou intervenções intermináveis. «Não sei, mas me

oponho» é minha ideologia nesse antro. Isso implica, quase sempre, adotar posições da direita mais obsoleta para sustentar tensas discussões com as intermináveis hordas marxistas que povoam a universidade. Na biblioteca, me dedico a pedir livros que não existem ou assuntos que não têm a ver com a casa de estudos. Também desfruto complicando o trabalho administrativo do pessoal não docente; é preciso admitir que isso contém um poderoso ato de justiça.

Já de volta a casa, preparo o jantar. Na medida do possível, tento gerar um último conflito com meus companheiros de casa antes de ir dormir, sobretudo para tirar-lhes o sono. Como parte da minha queixa, nunca deixo de mencionar que «tive um dia difícil» ou que «já não estou para tolerar esse tipo de coisas». Se há gritos, choros e portas batendo, melhor.

Já deitado em minha cama, repasso os acontecimentos do dia e durmo suave, repleto de tranquilidade, como um anjo.

Sinto orgulho da minha maldade? Não diria tanto, só a aceito plenamente. Mais ainda: aceito com plenitude, sem culpas, como faria um verdadeiro lobo da estepe.

Minha família, no entanto, não aceita minha maldade. É por isso que decidiram financiar à terapia psicológica da qual falei anteriormente. Eu aceitei a proposta, sobretudo para deixar em evidência a futilidade de semelhante projeto e incrementar ao máximo os níveis de frustração dos meus queridos pais e irmãos.

Meu psicólogo não sabe que a terapia é financiada por minha família. Sem dúvidas, este segredo guarda a chave que, por ignorância, lhe impede de sair do desconcerto. «Por que este sujeito vem perder o tempo e ainda paga?», estou seguro que se pergunta cada vez que termina minha visita. Se chegasse a descobrir que minha família é quem paga pelos seus serviços, então eu mesmo decidiria começar a pagar do meu próprio bolso só para não lhe dar a satisfação de entender.

Amigos? Não, não tenho. Quem poderia querer um amigo como eu? E, mais importante, quem como eu poderia querer um amigo?

Namoradas? Menos.

No entanto, tenho leitores, porque também sou escritor. Também gosto de brincar com eles. Por exemplo, adoro prometer uma verdade estremecedora que parece nunca chegar. A questão se estende com parágrafos divertidos e prometedores que, no entanto, não conduzem a

nada. No último parágrafo, o cenário mais temido se torna realidade: não existe verdade alguma, tudo foi um engano. Nesse momento, os leitores se sentem uns tolos por terem confiado em um cara mau. E ainda que doa, os são. Então, decidem abandonar o escrito, indignados. E nesse ponto ocorre a grande magia, a maldade suprema: sim havia uma verdade estremeceadora depois de tudo. Ou, talvez, não.

Sucessão de despertares em uma cidade desconhecida

De vez em quando, acordo em uma cidade diferente da minha. Acontece de um modo que parece ser aleatório. Não estou certo de que seja a mesma cidade. Algumas vezes, estou seguro que é, mas com variações. Outras, tenho a certeza de que são cidades distintas, mas irmanadas, devido a um fato repetido e fundamental: meu desconcerto.

De qualquer maneira, a sensação ao acordar costuma ser, mais ou menos, a mesma. Abro os olhos e vejo um quarto estranho: uma cama mais grande, cores que nunca escolheria, muitos dispositivos eletrônicos, entre muitos outros detalhes sem importância. O que mais chama a minha atenção não são esses pequenos pormenores alheios, mas a singular dinâmica que adquire o tempo.

Para começar, não há despertador. A volta à consciência ocorre calma e natural. Apenas ouço algumas aves distantes, piando com tranquilidade. Não tenho pressa, mas não porque careça de tarefas pendentes, mas sim porque meu corpo traz em si a inércia de um relaxamento infrequente porém seguro. Uma despreocupação que não tem início nem final e traz de volta à infância, quando as distâncias de tempo pareciam intermináveis. Então, fico deitado na cama em paz até que sinto uma vontade quase esquecida de levantar.

No início, o temor era maior, mas com o tempo aprendi a lidar com a estranha sensação de acordar em outro mundo. Posso dizer que já não me sobressalto. Apenas me sinto invadido pelo assombro.

Quando já estou em pé, deixo o quarto e me perco em um apartamento que, de maneira geral, me parece alheio. Com essa impressão, deambulo até encontrar o banheiro. Chegando lá, olho no espelho e confirmo: sou eu. Tudo é muito claro, como se não se tratasse de um sonho. Lavo o rosto e busco despertar completamente com a instintiva necessidade de começar a entender.

A sede de compreensão permanece insatisfeita porque não há maneira razoável de explicar.

De volta ao quarto, me visto. A roupa é a de sempre. Já vestido, busco a cozinha. No caminho, enquanto olho as paredes e as portas no final do corredor tenho a certeza de não conhecer o apartamento ainda que me transmita uma surpreendente familiaridade, como se efetivamente tivesse vivido ali durante meses, mas não pudesse lembrar.

Quando encontro a cozinha, abro a geladeira: está vazia. Não há vez que não espere outra coisa, nem que possa evitar a decepção. A necessidade de um café da manhã me leva a sair e isso, ainda que não pareça, é uma boa notícia.

Passo pela porta de entrada e desço pelas escadas. Me pergunto quantos andares terei que descer. Por sorte, são apenas dois. Saio do edifício.

Estou parado em uma rua que nunca vi. Observo à minha volta e depois de muitos anos, volto a me sentir um menino. Não tenho noção de onde estou, nem aonde ir, nem porque. Está fresco, mas o sol, como um pai, me oferece umas carícias acolhedoras. As recebo com prazer, disposto e sem apuro, enquanto fecho os olhos e me escapa um sorriso. Tomado pela surpresa, me dou conta de que sou feliz.

Sem abandonar a serenidade, de pé e com o rosto ao sol, compreendo que estar perdido me libera. Não tenho localização, nem razões. Não conheço aos demais, nem quero conhecer. Ninguém me espera, nem se queixa, nem me necessita. Não tenho obrigações. Não tenho que fazer nada.

Quando o sol é suficiente, caminho à deriva na busca de um café onde possa tomar a primeira refeição do dia. Encontro. É pequeno e cálido, com mesas e cadeiras de madeira. Está em uma rua pouco transitada e silenciosa. Sento com a maior tranquilidade. É algo que sempre quero fazer na minha própria cidade, mas por alguma razão, nunca faço. Sempre estou tão ocupado e inquieto.

Nunca leio jornais, mas peço. O garçom me oferece um cujo nome desconheço. Ainda assim, aceito satisfeito. Dou uma olhada como se estes títulos condenados a desaparecer me importassem. Apesar do meu desprezo pelas notícias irrelevantes, disfruto delas. Na verdade, mais do que o jornal, saboreio o momento de paralisia (ou prolongamento) do tempo. Ainda poderia ser melhor: se houvesse um amanhã, levaria um livro para ler.

Como não tenho horários à cumprir, fico no café. Olho ao redor e percebo que muitos outros fazem o mesmo, ainda que pareça que essa

cidade seja a deles. E que essas são suas vidas. Minha liberdade excepcional é, para eles, um costume acessível. Mais ainda, uma normalidade.

Saio da cafeteria, paro e olho ao redor. Me sinto leve. Fecho os olhos e me entrego à frescura dessa licença inesperada. Volto a caminhar sem rumo, desta vez para o centro da cidade. Faço isso durante um bom tempo até que encontro uma livraria. Entro.

A livraria é um oásis dentro do oásis. A temperatura é mais baixa, como quando se entra em uma caverna. O mesmo ocorre com a sensação de quietude. E com o silêncio. Me remete à ideia de passado. Mas estas são só sensações, caso queira literárias, de nenhum modo comparáveis com a indescritível realidade de acordar em outra dimensão.

Sem necessidade de paciência, verifico cada uma das estantes repletas de livros velhos e sujos. Compro alguns clássicos, ainda não sei bem para quê, já que provavelmente desapareçam junto ao resto da experiência.

Me aproximo do balcão, onde há um homem lendo. Parece eterno. Ou, quase o mesmo, parece ser tão velho quanto aos livros que vende. Sua forma de ser lembra um pleno pertencimento mútuo com a livraria.

O homem que suponho ser o livreiro verifica os livros que vou comprar com uma lentidão inesgotável. Os limpa com um pequeno pano e coloca um marca página com injustificada dedicação. Eu não me inquieto. Pelo contrário, aproveito essa janela do tempo suspenso para me fazer muitas perguntas.

Por que não faço isso na minha cidade? Por que necessito do extremo de uma vida em branco para dedicar tempo a esses pequenos prazeres? Em que momento renunciei aos meus desejos mais simples e puros? Quando foi que o turbilhão me arrastou as suas condições?

O homem termina e me entrega os livros. Sem dizer uma palavra, volta a sentar e retoma sua leitura. Nunca me reivindica o dinheiro (nem sequer dá a impressão de esperá-lo), mas deixo sobre o mostrador. Saio para a rua.

O sol continua me acompanhando. Consulto meu relógio, mas não o tenho. Pergunto a um caminhante. Não passou tanto tempo quanto imaginava. Apenas chego a essa conclusão, me dou conta de que é inútil e extemporânea. Semelhantes considerações pertencem à minha cidade, não a esta.

Compro uma salada, vou ao parque para comê-la. Olho as flores, as árvores e as pessoas. Olho a rua: os carros me incomodam, mas não tanto

como sempre.

O resto do dia transcorre de um modo similar que não necessita ser descrito.

A sucessão de despertares na cidade desconhecida me leva à uma sutil sabedoria. Pouco a pouco, com cada despertar, vou abandonando a procura de explicações. Em troca, me entrego ao simples gozo da experiência extraordinária. Inclusive, começo a desejar que o fenômeno não se esclareça nunca.

A noite e o final estacionam no meu quarto. Adormeço tranquilo.

De volta à minha cidade—e à minha vida— a continuidade parece impossível.

A viagem no espaço (e no tempo) me questiona. Abre janelas e perguntas. Me leva a enfrentar minhas rotinas, meus desejos e meus medos, como se fosse uma boa história, um bom livro ou uma boa obra de arte.

Os amantes recorrentes

Para Mara.

Ela se foi. Sua ausência é dolorosa, quase tanto quanto era sua presença indefinida. A partida é indesejada, mas traz certa calma conveniente à minha vida. Aos poucos, o tempo volta a transcorrer com normalidade. Posso dormir sem angústia. A noite, que havia pertencido a ela, é agora um grande espaço vazio. Imerso nele, lhe resulta fácil a lembrança.

Sirvo uma dose de whisky e me aproximo da janela.

Acima, prevalece a lua cheia. Uma corte interminável de estrelas a acompanha; são tantas e tão formosas. Não há nuvens.

Abaixo, vejo-os chegar da rua. Vêm acompanhados por uma silenciosa tensão. Param em frente à porta. Ele não encontra as chaves. Ela olha ao redor, talvez com certo nervosismo.

Nenhum dos dois podem me ver.

Ele parece calmo e decidido. Como quase sempre, veste uma camiseta, um jeans e tênis. Parece confiar, talvez demais, no invisível.

Ela parece ser seus próprios olhos cintilantes. Uma batalha parece se liberar em seu interior. É mais jovem, mas sobretudo é sensual. Vestida de preto; usa brincos, colares e anéis. Não procura seduzi-lo, simplesmente, não pode evitar.

Entram na casa de janelas amplas e abertas.

Ela impõe uma distância. Visita o lugar sem pressa e examina cada um dos objetos que ocupam o espaço. Se detém com particular interesse nos livros. Falam sobre eles, essa conversa lhe agrada.

Em um canto, ele fica em pé. Dali, conta detalhes sobre os aspectos da casa que interessam a ela. Enquanto faz isso, abre uma garrafa de vinho e serve dois copos.

Sentam-se à mesa e conversam. Ele a sente longe demais, assim muda para uma cadeira mais próxima. Depois de vários minutos, ela sai para fumar. Ele se acomoda no amplo sofá e a olha. Ela vacila quando volta: se acomoda um momento no sofá, mas logo o abandona. A rotação de lugares

e posições continua. Giram ao redor de um eixo invisível, enquanto procuram-se com paciência e rigor. Se atraem e se rejeitam de diferentes ângulos. Dançam um tango sutil enquanto conversam e bebem.

Ele transborda de desejo mas se contém. Não quer pressioná-la.

Uma parte dela está disposta a tudo, mas outra mais forte e subterrânea a segura.

Como sempre, o tempo exige definições. Ele se aproxima e procura beijá-la. Ela aceita, mas com uma tamanha passividade que parece indiferença. Se beijam durante alguns minutos, mas ele não consegue desatar as correntes interiores que a aprisionam. Ou talvez, ela não queira beijá-lo mas, por algum motivo indecifrável, o faz.

Essa é a culminação sem graça da noite. A partir desse clímax, a tensão cede e ela começa a se afastar. Ele é incapaz de conter a sangria. Ela se convence de que é melhor ir. A excitação expectante se torna frustração. A conversa continua, mas é apenas uma formalidade, um caminho amável que leva à despedida.

Os dois deixam a casa e se perdem na escuridão da noite.

Triste final, penso.

Decido que meu dia também deve terminar. Assim passa a noite reparadora. Também passam a manhã suave e a tarde amarela. Preparo meu jantar com algum prazer e o vivo com nostalgia. Quando termino, a vela já se consumiu inteira.

Sirvo uma dose de whisky e me aproximo da janela

Acima, a lua está quase tão cheia como ontem. O milhão de estrelas apenas está embaçado por umas poucas nuvens que se movem com rapidez.

Abaixo, escuto vozes. São eles, chegam da rua. Vêm acompanhados pela mesma silenciosa tensão. Ele não encontra a chave. Ela volta a olhar ao redor com certo nervosismo. Vestem-se exatamente igual ao dia anterior.

Eles não podem me ver.

Ele está igualmente calmo e melancólico. Ela mantém sua sensualidade. Entram. Ela visita o lugar novamente como se fosse a primeira vez. Ele a olha, ardente, da quietude do mesmo canto. O tango está a ponto de começar.

No entanto, a partir desse instante, a cena se modifica. Não é tão indelével como a primeira, mas ainda é real. A dança sedutora se repete, ainda que a música seja outra. Desde o começo ele se mostra mais decidido.

Ela, claro, nota e reage se afastando. A tensão se mantém nesse nível. A resolução é a mesma, embora chegue mais rápido.

Ele a beija, ela aceita, mas o beijo está vazio.

O encontro colapsa. A conversa continua—deve continuar— mas vai sangrando até morrer. Juntos, deixam o lugar e desaparecem na noite.

Triste final, penso mais uma vez.

A noite, a manhã, a tarde e o jantar voltam a se consumir.

Sirvo uma dose de whisky e me aproximo da janela.

Acima, posso ver a lua cheia com uma das suas bordas lixada. Envelhece. A grande imensidade estrelada está danificada por um punhado de nuvens.

Abaixo, escuto suas vozes. Já não me surpreendem. Chegam da rua, acompanhados da silenciosa tensão, ele não encontra as chaves e ela olha ao redor. Vestem o mesmo.

Entram. Ela começa a examinar o lugar como se fosse a primeira vez, ele volta a olhar para ela com desejo ardente. O tango começa.

A música (e, então a dança) muda novamente. Ele abandona seu canto e busca se aproximar por meio de carícias. Ela não responde. Ele sente que morre de impotência frente à essa muralha inexpugnável. Sabe— pode sentir— que ela guarda sentimentos, mas não pode alcançá-los. Não se rende, não retrocede.

Ele a beija, ela aceita, mas o beijo segue vazio. O encontro se desmorona.

Triste final.

Passam quase vinte e quatro horas. Não poderiam não fazê-lo.

Sirvo uma dose de whisky e me aproximo da janela.

Acima, somente nuvens. Só me resta adivinhar as nuvens e as estrelas.

Abaixo, chegam da rua. Tudo é igual. Entram. Dançam tango.

O beijo é vazio.

Triste.

A cena volta a suceder, noite após noite.

Acima, em vão, o céu busca esgotar as infinitas disposições da lua, das estrelas e das nuvens. A lua decresce até morrer, para logo renascer da escuridão. Nem sempre posso vê-la, porque as nuvens brincam de escondê-la. As estrelas ocupam o resto e, de tantas, me parecem um universo.

Abaixo, no entanto, a mesma coisa sempre acontece, exatamente a mesma, exceto pelo tom da dança que lembra uma pintura cinza que insiste em voltar.

Assim avança o futuro, ao ritmo do tango, o beijo vazio e o triste final.

Uma noite, no entanto, se produz uma quebra profunda na história.

Tudo se repete, como sempre. Estão sentados sobre a cama. Como em cada noite, ele a beija, mas desta vez se detém imediatamente. Fica de pé, apaga a luz principal—é brilhante demais— e volta. Se ajoelha no piso na frente dela e a traz até ele. Ela concorda em abraçá-lo com as pernas. Talvez por sorte, talvez por destino, essa aproximação que nasce de dois joelhos no chão a libera. O beijo, por fim, transborda.

Esta noite, o final não é triste nem eles deixam a casa. Quando por fim adormecem abraçados, eu deixo meu copo de whisky junto à janela e também me entrego ao dia seguinte.

As noites não voltam atrás. A partir de agora, se parecem à última. E se tornam cada vez menos indeléveis.

Acima, a lua, as estrelas e as nuvens se combinam de tantas formas que perco o registro: me parecem iguais.

Abaixo, o mesmo baile inicial desemboca sempre nos amantes sentados sobre a cama. Ele a beija, apaga a luz que brilha demais, se ajoelha na frente dela, a traz para si, ela se libera e fazem amor.

A variação não desaparece, mas se translada ao momento em que se amam.

As noites que seguem são incontáveis repetições do ritual de sedução. Se estendem até o momento do beijo. Logo, divergem e as aventuras do encontro amoroso são diferentes. Cada noite, com paixão e lentidão, os amantes recorrentes exploram novos modos de se amar. Não há pressa; sentem que as noites compartilhadas jamais terminarão.

Mas as noites compartilhadas sempre terminam. Na última delas, a história se quebra novamente de um modo que compreendo ser definitivo. É o fim.

Acima, vejo o céu totalmente negro. Não há lua, nem estrelas. Nem nuvens.

Abaixo, escuto as pisadas de um homem sozinho e triste. Não necessito do whisky nem da janela para saber que é ele. Fica na frente da

porta. Encontra a chave e entra. Prepara o jantar. Come até que a vela se consuma. Lhe resulta fácil a lembrança. Logo depois, faz essas duas coisas.

Minha tia é um vampiro

Amo muito a minha tia. Isso não impede que, já há algum tempo, suspeite que seja um vampiro.

Não é fácil chegar a uma conclusão definitiva sobre o tema. Ela não parece estar morta, nem sequer não-morta. Não tem caninos afiados nem se veste com capas negras. Não vive na Romênia nem na Hungria, tampouco em um castelo, vive em um modesto apartamento localizado no centro de Córdoba, não longe de La Cañada, onde leva uma vida serena e solitária. Devo mencionar que no passado trabalhava como advogada, o que não me tranquiliza.

Seu corpo é muito mais que humanóide, é completamente humano. Longe, longíssimo, está de ser como um penanggalan, nem nada que se pareça. A cabeça é pequena e os quadris largos, seguindo a linha genética de sua mãe. Tem, é certo, uma tez muito branca, mas fundamentalmente porque é ruiva. A pele é frágil, propensa às manchas verdes por um golpe ou fricção, mas sob nenhum ponto de vista diria que é brilhante. O nariz, arredondado e distinto, tem os dois orifícios. Os lábios não são muito vermelhos e geralmente os pinta para sair, como faz com o resto do seu rosto, o que a deixa mais corada e mascarada. A língua não é afiada nem tem ferrões, embora seja bastante curta; não é preta, como a de um churel, e sim rosa como a do resto dos mortais. As unhas não são nem largas nem duras, embora não sejam totalmente normais, já que com frequência deve visitar ao pedicuro. Ele nunca levantou perguntas sobre ela, apenas vez ou outra reclama da sua impontualidade e tendência à desculpa esfarrapada.

Seu vestuário é variado, sóbrio e conservador. Como exceção, posso mencionar uma camiseta leve, original e bege dos Ramones, que não estou seguro que ela conheça. Não parece ter preferências pela cor verde, como as *baobhan sith* ou os *langsuir*.

Seu estilo de vida está longe de ser saudável e isso me preocupa. Fuma. Leva uma vida sedentária, longe do exercício. Com dificuldade, consigo convencê-la a caminhar um pouco cada dia. Tem muitíssimos livros e afirma ter lidos todos. Isso me deixa inquieto, não tanto pelo impossível tempo que isso deve ter exigido, mas pelos autores insuportáveis. Quando

não lê, assiste uma programação televisiva não menos decepcionante. Quanto à comida, não tem entre suas prioridades uma dieta saudável. Prefere o prazer direto que provê o café e as comidas carregadas de sal ou açúcar. Tem como ponto fraco a torta rogel, algo acima de tudo compreensível. Ao alho, longe de espantá-la, a atrai. Diria que consome em excesso, assim como a maionese. Compensa semelhante desordem alimentar com medicação em forma de comprimidos, de vários tamanhos e cores. Toma os comprimidos à noite e, se não tem os óculos por perto, apalpa-os e escolhe guiando-se pelo tato, apesar das minhas advertências. Eu sei, não é uma imagem precisamente assustadora para alguém que poderia ser um vampiro.

No plano religioso, se define como cristã não praticante, uma forma amável de dizer que a religião não lhe importa muito. A água benta e os crucifixos não são insuportáveis para ela, apesar de suas críticas mais que razoáveis à instituição eclesiástica. Quando se refere a Deus, ela o chama de O Barba.

Furtivamente, confirmei que posso vê-la nos espelhos. Tem vários e cuida deles com zelo. Crê que quebrá-los acarretaria um enorme azar, sobretudo devido à alta de preço dos últimos anos. Sua sombra parece funcionar com normalidade e segue sempre os movimentos lentos da sua figura. Tudo indica que possui, efetivamente, uma alma humana.

Como toda mulher idosa da cidade, os morcegos e os lobos a aterrorizam. Não mais que qualquer outra manifestação da natureza, como um rato ou uma barata. Pior, mas sobretudo diferente, é sua reação quando menciono os lobisomens. Junto com o terror desperta nela um sentimento que me lembra o desprezo.

Quando assiste a um filme, se sobressalta com as cenas sangrentas. Mais que o desejo de sangue, ou A Besta dentro dela, sua reação sugere um medo instintivo e comum. O mesmo acontece com episódios nos quais o elementar líquido vermelho se apresenta ao vivo e em cores. Não faz muito, um acidente de ciclistas e um pouco de sangue resultou em uma ambulância para ela, devido à pronunciada queda de pressão.

Não tem muita força nem é muito veloz, como qualquer um esperaria de um vampiro. De fato, devido à sua idade e sua escassa atividade física, fica ofegante com relativa facilidade. Custa muito, por exemplo, mover as cadeiras da sala de jantar ou abrir uma garrafa de refrigerante. Sua bengala, hipoteticamente, poderia guardar mistérios ou significados ocultos, mas

não, é uma bengala comum, de ébano ou nogueira. Mais que sustentá-la, usa para mover coisas quando está sentada ou para avançar nas filas do banco.

Sua capacidade de ofuscação (no seu significado menos popular) é diretamente pobre. Ao contrário, é bastante distraída e barulhenta. Péssima manipuladora, a última coisa que provoca nas pessoas mais próximas é medo. Seu coração é ingênuo e dourado. Tenho certeza de que há quem se aproveite de sua nobreza. E de que logo pagarão por isso.

Sofre machucados físicos com normalidade. Se corta o seu dedo com a faca, insulta e chupa-o como qualquer pessoa razoável. Mais de uma vez a vi fazer beicinho. Quando chorou, suas lágrimas não foram de sangue. A cicatrização ocorre nos tempos previstos pela natureza, sempre que uma infecção não atrase o processo. Estas observações me levaram a descartar, ou ao menos adiar, qualquer tipo de experimento com paus ou armas de fogo (evitando sempre, é claro, estacas no peito ou balas de prata).

Também sofre as feridas espirituais humanamente.

Por outro lado, pude comprovar que não sofre de aritmomania, ou seja, da obsessão neurótica de contar tudo, historicamente atribuída aos vampiros. Depois de jogar um punhado de arroz—o teste mais clássico no assunto—, ignorou os grãos, se enfureceu e jogou sua bengala em mim.

A verdade é que parece ser uma criatura inofensiva. Nem sequer tem o limitado propósito de incomodar as pessoas, como o famoso vampiro Cuntius.

Então, porque suspeito que é um vampiro?

Talvez porque vive quase isolada, entre a solidão e a penumbra. Suas amigas mais próximas chamam o seu apartamento de O Nicho, um nome tão carregado de precisão como de crueldade. Um gato preto passa pela porta do edifício cada vez que chego ou me vou, mas aparece exclusivamente quando estou sozinho. Ela diz que se chama Preto e que pertence ao vizinho, Coco.

Sempre tem as mãos frias e encontra um particular prazer em segurar objetos quentes, por exemplo uma xícara de café. Seu olhar é profundo, como ancestral ou primitivo. Seu cabelo é incomum, com uma juba pontiaguda ao estilo de Oliver Atom, embora não seja verde nem rosa. Não tem, isso tenho que dizer, pelos nas mãos nem nos tornozelos. Tampouco orelhas pontiagudas, embora o tamanho minúsculo seja sugestivo. As olheiras, pronunciadas.

Seus hábitos são predominantemente noturnos. Desenvolve sua modesta atividade só depois do anoitecer. Nunca vi que fosse dormir antes de mim e não sei o que faz mais tarde. Acostumada a sair a noite, quase sempre sozinha, em teoria vai ao teatro ou jogar umas fichas no bingo.

Durante o dia permanece no Nicho, com todas as janelas fechadas. Quando a visito, se nega a abri-las, com fracos e variados argumentos como a poeira da rua ou a elevada temperatura. De qualquer forma, eu ignoro seus pretextos e as abro. Sua autoridade, escassa, não lembra precisamente a de Vlad O Empalador. Se sua natureza vampírica for confirmada, o mais provável é que ocupe uma posição social bastante baixa entre os vampiros e pertença a uma das gerações mais recentes: um neonato, abaixo de príncipes e conselheiros, ou um *caitiff*.

Com as janelas abertas, a luz invade O Nicho e provoca nela uma notável contrariedade, embora esteja longe de provocar ruídos estridentes e desintegração. Ela põe a culpa nas sobrancelhas e cílios loiros. Inclusive exposta à luz mais tênue, diminui mais ainda seu lento andar e tende a refugiar-se em seu quarto, com a porta fechada. Enquanto persiste com suas reivindicações, coloca seus óculos escuros, os quais ficam particularmente bem nela quando usa a já mencionada camiseta bege dos Ramones.

Ela procura passar despercebida com muita determinação. Humildade destacável? Suas amigas opinam que se trata mais de um acentuado desinteresse social. Jamais visita outra casa sem receber convite, embora quando receba costuma recusar.

Sua geladeira permanece vazia o tempo todo. Na verdade, sempre tem uma dúzia de embalagens de maionese. Atribui isso a sua incapacidade de cozinhar. Poucas vezes a vi comer, quase sempre à noite e em um restaurante. Adora o filé especial e sempre pede um bem suculento, mais de uma vez o devolveu por estar muito seco.

Ela não gosta de água, especialmente se está em movimento, como no rio ou no mar. Isso não inclui o chuveiro e a sua higiene é, de fato, exemplar. Talvez por isso tenha decidido se instalar em Córdoba, se bem que poderia ser somente pelo fato de ter nascido ali.

Uma vez eu a peguei polindo os dentes no banheiro. A cena incômoda motivou uma explicação confusa da sua parte, aduzindo algum inconveniente em sua ortodontia. Logo, fechou a porta lentamente na minha cara. E nunca mais mencionou o assunto.

Depois de anos de aventuras e desventuras, tenho plena confiança nela. Por isso, dada a dificuldade de chegar a um veredicto conclusivo, lhe perguntei abertamente se era um vampiro. Ela me disse que não. Insisti, então, em saber se sua negação era geral e retumbante ou meramente técnica. Exigi precisão sobre se ela, também, não era uma *vampiresa*, um *vástago*, um *strigoi*, um *súcubo*, um *cainita*, um *azemán* ou qualquer outro tipo de criatura sobrenatural. Nem me olhou para pedir que a deixasse em paz, porque estava assistindo a novela.

Semelhante evasão, é claro, acentuou minhas perguntas. Todos sabem que nem as pessoas nem os vampiros costumam admitir abertamente sua natureza chupadora de sangue, sobretudo por questões de aceitação social. Sua irmã (minha mãe), por exemplo, jamais aceitaria.

Me pergunto, por fim, o importante. Se ela é imortal. Desde que tenho memória, lembro dela sempre igual, me pegando pela mão, levando para lanchar algo gostoso, cuidando de mim. É possível que a mesma coisa aconteça com ela, embora eu tenha deixado de ser um bebê e hoje meça quase dois metros. A imortalidade é algo especialmente difícil de comprovar. E, ao mesmo tempo, é muito possível que seja o ponto central de toda essa questão. Talvez não tenha suspeita, nem indícios, mas desejos: amo tanto minha tia que não quero perdê-la nunca.

Nesse mundo

Para Anja.

Nesse mundo não preciso te conhecer. Não necessito apresentações, nem histórias, nem razões. Não preciso saber teu nome para te abraçar, nem conhecer teu passado, nem sequer falar contigo. Basta apenas um olhar. Tu me olhas. Então, vou até ti, lentamente, desfrutando de um risco que já não existe. Sorrio e, protegido pelos mais profundos dos meus segredos, busco adivinhar até onde tu me deixarás ir.

Ainda estou longe, mas já posso sentir tua pele. É firme, maleável e dourada. Brilha, como uma jóia. Cobre tua figura densa, presente e imune à indiferença. Só então, quando já estou muito perto, te estendo a mão.

Seguras minha mão e minhas emoções ressoam como uma tempestade: estrondosa, vibrante, elétrica. O encontro era chuva, mas agora é vendaval. A água me envolve e me inunda até o último canto. A sinto carregada, agitada e instintiva com um remoto toque de violência. É puro descobrimento.

Não há palavras.

Fecho os olhos, o olhar se torna abraço. Aspira a ser quente, íntimo e fechado. Me explora, me percorre, procura me reconhecer. Sobre o campo fértil do meu corpo brota e se expande com suave firmeza, com paciente segurança, agarrando-me com a força serena de quem não tem mais remédio do que se encontrar com a morte.

Já empunhados, é hora de sutilezas. O toque persistente das tuas mãos se amontoam em meu peito e a suave fricção dos teus braços me estimulam até a doce angústia. Teu cabelo despreocupado me acaricia e teu perfume me aprisiona, me submete. Eu consinto, quero mais. Dependentes, nos deixamos seduzir pela complacência de um prazer imediato sob a qual se oculta, silenciosa, uma condena.

Não importa. Colado ao teu corpo, o futuro não existe. Tuas costas, teu peito, tuas pernas respiram sobre mim. Se aproximam e se relaxam, se resistem e se entregam, como as ondas à praia. Pulsam. É o teu coração.

Abraçado a ele, posso sentir o coro dos teus sentimentos entonando uma nostalgia...

Mais que ar, respiramos uma música triste e sensual, negra, apenas chorada pelos violinos. O drama cadencioso se alimenta de pianos. Tomada pela ansiedade de uma lembrança, a melodiosa tristeza termina no choro aberto de um fole. O lamento, incapaz de se conter, cresce até decantar em agonia, em um interminável desfile de harmônicas produzindo agitação.

O abraço desemboca em um rio de emoções. Nos arrasta, gentil e sinuoso. Em cada curva, opomos refúgio à vertigem. O tempo se dissocia da nossa existência, deixa de correr e escorre pelas fendas que ainda nos conectam à realidade. Ao redor, essa proximidade inapelável também se detém e começa a esvair-se até desaparecer.

Inesperado, como um destino revelado, o ar é extinto. Nos afogamos. Abro os olhos e o rio, agora seco, começa a fluir como a troca de olhares. Vejo teus olhos muito perto, abertos e muito profundos. Falam comigo, dizem o mesmo que antes me dizia o teu abraço. Junto com teu sorriso tênue e cúmplice, acolhem e tranquilizam.

Inconstante, averso ao final, o ar retorna. Com ele, entre os olhares, ressuscita o abraço. Mais que descoberta, há reencontro, desejável retorno ao prazer já conhecido. Com os sentidos em plena e livre expansão nos descobrimos predestinados, nascidos um para o outro.

Teu coração bate com força e cada pulso leva teu sangue a todos os meus limites. Os suspiros amadurecem, percebo-os com intenso encanto, ainda desconheço a quem pertence. Tua agitação e minha excitação se misturam até o inseparável, até o indivisível.

A confusão amalgamada é viva, arbórea e outonal. O abraço se ramifica em carícias cada vez mais amarelas que, finalmente, explodem como uma chuva de folhas secas. Ondas de seiva quente, de resistência ao inverno eminente me percorrem até a raiz e penetram minha alma. Necessito mais de tua terra, de tua brisa, de tua luz.

Minha boca luta. Procura abster-se da tua.

Indomáveis, as carícias tomam a forma de um beijo. Sim, o beijo acontece, embora nunca chegue a tocar teus lábios. Nos beijamos sutil, longa e apaixonadamente, sem que eu possa chegar a conhecer o fogo da tua língua que desejo com irrefreável ardor, com inadiável urgência. Nessa fogueira de insatisfação me incinero e me consumo até terminar como cinzas de melancólica impotência.

Não posso. Que mais quisera eu? Porém, não posso. Teu olhar, teu abraço, tuas carícias, teu beijo incorpóreo, o rio de emoções, todo o teu ser, todo o meu, me pedem, me exigem, mas não posso. Não posso! Nem tu. Por mais que queiras, não podes...

Na vastidão etérea desse mundo, o beijo se derrete em lágrimas.

Não há tempo nem espaço para chorar. Autoritário o ar se extingue, de novo, mas desta vez, para não voltar. A asfixia e o temor crescem. Abro meus olhos. As lágrimas se fundem no olhar, embora não nos abandonem totalmente. Vejo teus olhos próximos, muito abertos e cheios de amor. São um espelho. Nas tuas lágrimas incapazes de molhar, vejo as minhas.

Aceitamos o eminente final, que então se inicia. Acreditamos que a morte é inevitável, e com essa crença, a encorajamos. Nosso mundo revive e, com ele morremos um pouco.

Começa o desmoronamento. A tristeza é grande demais, a literatura limitada demais. O momento, para não morrer, para marcar a fogo em nossa memória (o único que conta depois de tudo) deve dar lugar à indiferença que buscará em vão, com sua solidez, desafiar o tempo.

Não há palavras, nunca há palavras.

Nos olhamos com intensidade, com uma dor fervente. Adivinho nos teus olhos um anseio profundo e uma despedida. Esta única vez, vejo as tuas costas. Antes que a porta te devore, me dedica um último olhar. Como uma tatuagem, como um ferro quente sobre a minha carne, teu olhar se torna lembrança. E faz isso para sempre.

O antichamas

Eu não tinha prestado atenção ao meu novo vizinho. Isso não era algo tão estranho, já que não costumava prestar atenção em pessoas desconhecidas, fossem ou não vizinhos.

Levei a vida inteira para entender a improbabilidade de ter a benção de encontrar com desconhecidos valiosos. Ao mesmo tempo, paralelamente, avançava o entendimento completo de que o tempo é escasso e de que o meu estava escorrendo a uma velocidade preocupante. E cada vez mais rápido, acelerando à medida que me conscientizava mais da sua escassez. Ou a medida que o desperdiçava. Essa dolorosa convicção me levou a um certo isolamento social, por meio do qual procurava me afastar do banal e concentrar no importante, ou seja, naquilo pelo qual me julgaria no fim do caminho. E quase nunca os vizinhos eram o importante.

No entanto, a tão buscada indiferença com meu vizinho mudou de forma drástica no dia do granizo intenso.

É importante mencionar que falar de «vizinho» é apenas uma conveniente aproximação. Na verdade, se tratava de um vizinho temporário, ou ocasional, apenas um homem com quem dividia o complexo turístico durante meus dias de férias. Por azar do destino, nossas modestas cabanas eram contíguas. Eu apenas tinha reparado nele e em sua família, pois a temporalidade da sua presença o tornava ainda mais insignificante diante dos meus olhos.

Até o dia do granizo, não tinha trocado com ele mais que cumprimentos circunstanciais. Não sabia seu nome, nem lembrava da cor dos seus olhos ou da sua roupa. Com sua passagem quase invisível no complexo, estava muito longe de chamar minha atenção. Mais ainda, apenas sua completa inconsequência poderia ter me gerado algum tipo de interesse. Era um homem calado e inexpressivo, um completo anônimo sem esforço. Um dos tantos tipos de morto. Ia e vinha sem convicção, quase se arrastando. Frio e triste, nem sequer digno de compaixão, parecia uma caldeira sem fogo, alguém incapaz de guardar uma chama interior. Era isso. Um semchamas.

Na verdade, eu tinha respeitado o semchamas até o dia do granizo. Ou melhor, o ignorei por completo, o que constituía uma forma de respeito. Seu estilo moribundo não me incomodava nem um pouco e até era funcional para minhas necessidades de calma, foco e descanso. De fato, me angustio só de imaginar as alternativas com as quais poderia ter me encontrado. Por exemplo, um inapresentável não civilizado que tumultuasse o complexo com gritos e música a todo volume. Ou um personagem extraordinário, fora de série, que expusesse a minha mediocridade em branco e preto, e obrigasse a contemplar minha própria miséria. Só não ter vizinhos poderia ter sido melhor. Sem dúvidas, tinha sido sortudo.

O granizo chegou. Eu já tinha previsto. Na praia, de onde todos os horizontes se veem, tinha avisado o sudeste ameaçador e negro. Mais que negro, negro esverdeado. O vento tinha mudado, se tornou frio e difícil, e parecia se impor ao final do dia de praia. Assim entenderam os banhistas, os quais fugiam de modo apavorado e desordenado, como um exército covarde em retirada, cruzando com torpeza as dunas que separavam a praia dos complexos turísticos. Me negava a sair de modo apavorado, forçado apenas por um par de sopapos do vento. E muito menos no meio dessa horda infiel e temerosa, correndo o risco de me converter em um deles. Não, eu não seria um deles. Me plantei na praia, apesar do frio que começava a penetrar meus pés e mãos, apesar da areia que golpeava o rosto e invadia olhos. Fiquei de costas para o vento e, desde encenada indiferença, olhei o rebanho assustado que deixava a praia carregando bolos de roupa e toalhas, correndo atrás das peças que a brisa ameaçava arrebatar para sempre. Quando todos já tinham deixado a praia, aí sim me retirei, com lentidão e tranquilidade, para que a sudestada entendesse que não era ela quem me mandaria embora, e sim que eu iria pela minha própria vontade.

Era orgulhoso, sim, mas não comia vidro, assim que quando cheguei ao complexo estacionei o carro debaixo de um pinheiro enorme que parecia preparado, firme, para resistir à devastação da tempestade iminente. O granizo era apenas uma possibilidade, assim que essas foram todas as minhas precauções.

Mas o granizo surpreendeu o antichamas. Apostaria que não estive na praia, nem tinha visto os olhos ameaçadores da tempestade que esgueiravam sobre o mar então agitado, nem tinha sentido sua ameaça direta em forma de vento enfurecido, nem tampouco tinha visto os ternos cordeiros escaparem enquanto olhavam para trás por cima dos seus ombros

corados. O antichamas tinha deixado seu carro em meio a uma clareira muito exposta. Era quase uma provocação à fúria da tempestade, como se o carro olhasse o céu, abrisse os braços bem grande e gritasse «granizo, aqui estou e não tenho medo!». E o granizo respondeu, com chamativa agressividade. As pedras absurdamente grandes apunhalavam o teto desse pobre carro como se fosse golpes de um assassino desenfreado, tomado inteiramente pelo furor de um crime passional.

Eu olhava a chuva, as pedras e o carro espancado, enquanto tomava um chimarrão morno detrás da janela. O calor da bebida não era um contratempo ou a consequência indesejável de uma demora, mas um prazer íntimo buscado com dedicação e deleite. Evitar as temperaturas extremas do chimarrão era uma questão primordial para mim, especialmente durante as férias. A água quente demais queimava o sabor da erva, enquanto que a fria carecia da capacidade de reconfortar a alma. Além do incidente das pedras sobre o carro, que eu não desfrutava de maneira especial, me sentia muito calmo e gozava desse momento de sublime repouso de modo difícil de transmitir em palavras, próximo ao vidro embaçado. A cada tanto, fechava os olhos e me entregava ao aroma único e sensual do meu chimarrão morno. Podia escutar e até sentir a chuva, o vento e a tempestade. As pedras também, imolando-se sobre o teto da cabana, os bancos do parque e o carro do semchamas. Esse último som, metálico, acrescentava um elemento artificial à sinfonia natural da tempestade, mas com suficiente sabedoria eu tinha conseguido ressignificá-lo. Representava, para mim, a onipotência da Mãe Verde sobre o finito e plástico reino do homem.

Esse momento de satisfatório arrebatamento, de cálida e suave introspecção, foi interrompido com um nível de desapego que jamais tinha experimentado. O semchamas invadiu com inconcebível brutalidade a pacífica e reveladora cena, como se seus gritos de «nãããããããããã!» e seus insultos pudessem voltar o tempo e desamassar esse teto, esse capô, essas laterais frágeis e econômicas tão arquetípicas dos tempos que correm. Desesperado, ia e voltava da cabana, carregando mantas que apoiava sobre o carro já danificado de modo irreversível. Seu rosto estava muito vermelho e ativo, como se seus quarenta músculos faciais tivessem acordado de repente de um longo sono. A expressão era inequívoca e denotava raiva, tristeza e impotência. Por um momento, achei que adivinhava um choro incipiente. Além disso, também gritando, o semchamas dava indicações ininteligíveis à sua esposa, quem também ia e vinha, embora de um modo

mais confuso, talvez porque não entendia as vociferações balbuciantes do seu chocado marido.

Eu estava indignado.

Mas não pela interrupção desconsiderada do meu momento de comunhão privada com a natureza, nem porque teria bloqueado os abismos reflexivos pelos quais eu tinha me espreitado, nem tampouco porque o chimarrão reparador tinha esfriado para sempre. Não, não por nada disso. Minha indignação profunda, inegociável e duradoura tinha uma única e categórica explicação: a inaceitável insubstancialidade dos fatos que devolveram a vida ao semchamas. Um sujeito que agora, do nada, mostrava emoções e sentimentos que eu não tinha previsto, o qual não seria absolutamente inadmissível se encontrassem sua razão de ser em uma causa justa.

Já não era possível seguir falando de um semchamas. Agora tudo era muito pior. Não se tratava de um homem incapaz de albergar uma chama interior, mas sim de um incapaz de albergar uma chama digna, sã e com alguma classe de significado. Como se sua chama, apesar de existir, não pudesse ser vermelha, nem quente, nem oscilante. Sim, era isso: um antichamas.

Para piorar a situação, o antichamas não voltou à sua fase anterior. Isso teria habilitado uma trégua, uma ínfima esperança de poder esquecer o ocorrido, de simular que tudo tinha sido um sonho ruim. Só precisava uma desculpa que permitisse a minha severa consciência enterrar essa traumática experiência, para sempre, nos amplos campos do esquecimento. Mas não, o antichamas e suas hierarquias perturbadas insistiram em me perturbar, em se instalar com força no centro do meu calmo jardim interior, no qual buscava refúgio para agarrar o tempo que irremediavelmente escapava. O clima não se recompôs durante os dias que seguiram e, em consequência, tampouco o antichamas. Cada vez que o céu se tornava ameaçador, ele corria —corria!— para cobrir seu carro com as mantas que agarrava da sua própria cama. Sacrificava as mantas e com isso, o mais grave, a calidez da noite, pois as densas chuvas sem granizo as molhavam completamente. E também a ele porque ficava próximo ao seu amado carro para acompanhá-lo no sofrimento, como um pai junto ao seu filho doente, dizendo com sua presença «não se preocupe filho, você não está só, estou aqui para lhe proteger, para que soframos juntos até que todo esse pesadelo acabe».

Não devem haver dúvidas sobre esse ponto. Não me aborrecia até o limite da intolerância que o antichamas se preocupasse e até se sacrificasse pelo seu carro de um modo imaturo e infantil. Claro que não. Depois de tudo, quem iria gostar de ver uma chuva de pedras sobre seu carro? Eu mesmo tinha colocado o meu sob proteção desse grande pinheiro! Seria chamativo demais e semchamativo não fazer isso! O que de verdade me deixava com raiva era que a única coisa que o mobilizasse fosse o granizo sobre seu carro. Isso, acima de tudo, era muitíssimo pior que a indiferença. Era de uma antichamez inusitada.

Minha fixação com o antichamas, por mais justa que fosse, não impedia as consequências. Não falo somente da minha impossibilidade de desfrutar um merecido descanso de férias, mas também da influência do acontecimento sobre o ânimo da minha família. Minha querida esposa não deixava de expressar seu aborrecimento e incompreensão, apesar de me conhecer detalhadamente.

—Julio, peço por favor que termine com o vizinho. E com essa coisa ridícula de «antichamas». Por que implica com esse pobre homem? Afinal de contas ele não te fez nada...

Nada? Não me fez nada? Minha querida esposa não podia me compreender. Não podia compreender. Tampouco meus próprios filhos, mas ao menos tinham o decoro de se manterem em silêncio, de aceitar que ainda eram jovens demais. Sim, esses moleques, esses pequenos rosados que me olhavam com olhos bem abertos eram decididamente mais sábios. Submersos na incompreensão, certamente suspeitavam que eu estava certo. Porque sempre se sabe a verdade, ainda que não a compreenda. Como se poderia permanecer indiferente?

No fundo, eu não queria aceitar a situação. Não, isso não é totalmente preciso. Era algo mais. Eu não estava disposto a aceitá-la. Não queria tolerar que o antichamas fosse um antichamas. Desculpa, necesito ser mais preciso novamente. Não queria ser um homem que tolerasse a antichamez do antichamas. Queria, de algum modo, salvá-lo. Para me salvar.

Decidi então buscar no antichamas outras reações, outros enclaves nervosos que o fizessem reagir como fazia quando o granizo caía sobre seu carro. Se essas debilidades existiam, ainda que fossem insignificantes, então seu pecado mortal estaria lavado, diluído. Um homem que reage a mil trivialidades é tão antichamas quanto ao que reage a uma só, mas é mais difícil de reconhecer e, portanto, mais aceitável para o círculo que o rodeia.

Isso o salvaria ante os olhos dos seus filhos, ainda que eles não soubessem. Não ante aos meus olhos, mas estava disposto a jogar esse jogo em um caso extremo como esse, no qual minhas férias e minha família pendiam em um corda finíssima. Por outro lado, o objetivo máximo, a verdadeira salvação consistia em encontrar algo verdadeiramente importante ante a qual o antichamas mostrasse uma emoção, seja qual fosse, isso sem dúvidas iria redimi-lo, inclusive ante a mim.

Os primeiros resultados foram decepcionantes. Eu tinha começado pelo acolchoado mundo das palavras e das ideias. Já teria tempo de acudir aos inquestionáveis recursos do mundo físico, sempre mais contundentes mas também mais traumáticos. Durante a manhã seguinte, pela primeira vez, propus ao antichamas alguns assuntos que iriam além da saudação formal e vazia de costume. A partir de uma perspectiva futebolística, comecei dando passos curtos. O clima, o complexo, a praia, a temporada. Nada. O antichamas permanecia imutável, muito longe desse mundo onde os corações batem e os punhos se fecham. Respondia «sim», «não», «bem» (nem sequer «mal»), «mmm» e não muito mais; logo seguia até a seguinte atividade do seu dia monótono e indefinido. Para ser honesto, eu teria reagido de modo semelhante diante de assuntos tão chatos e irrelevantes. Talvez o antichamas albergava dentro de si profundidades insuspeitadas e eu apenas, sem saber, lhe ofendia com semelhantes propostas de conversa. E em nível mais transcendente, com minha secreta e implícita acusação de antichamas. Durante os dias seguintes passei ansioso para os tópicos seguintes. Falei da comida, de trabalho, da família. Nada, segui adiante. A economia, a política, o país. Nada. A história, as guerras, a injustiça. A filosofia, a religião, a finitude da existência, a falta (sentido) da vida. Nada, nada de nada. Zero.

A medida que deveria aceitar sua incapacidade de reação, sentia como meus músculos se contraíam, como uma tensão desconhecida ocupava meu peito, pescoço e, por último, a cabeça. A enxaqueca tomava conta da noite e, com a transpiração incontrolável, me impedia de dormir. Meu semblante se deteriorava com rapidez, se tornava cada vez mais abatido e sombrio. Queria agarrar o antichamas pelos ombros e sacudi-lo bem forte, muito forte. Gritar-lhe «reaja irmão, reaja, não posso te ver assim! Chega dessa antichamez!». Como é de se imaginar, eu terminava minhas breves conversas com ele completamente convulsionado.

Os assuntos que eu tinha se esgotaram. Estava quase rendido. Não tive mais remédio que recorrer ao último assunto disponível, o assunto que eu havia evitado de um modo cirúrgico, cercando-o com zelo ao desprender minhas habilidades discursivas. Resignado, não tive outra opção e perguntei ao antichamas sobre o dia do granizo e seu carro. O antichamas se transformou de modo espetacular, como teria feito um super herói ante a necessidade imediata de enfrentar uma injustiça. Só faltou despedaçar a camisa e sair voando. Abriu os olhos, a boca, agarrou a cabeça e começou a pintar uma imagem comovedora e dramática, com a qual conseguiu me empurrar até o agitado mar do seu relato tempestuoso. A voz não era sua, era outra, tinha outra pessoa falando dentro dele. Sua entonação passou da uniformidade mais plana à riqueza que só um milhão de variantes pode prover. Me sentia preso à sua angústia, capturado pelo pé por uma grande besta marinha que me levava para o fundo. Mais ainda, estava cada vez mais perto de ceder a sua preocupação, a um passo de compreendê-lo, solidarizar-me e oferecer toda a ajuda que necessitasse. Me sentia frente a um grandíssimo artista da preocupação granizo-carro, ante o qual não tinha mais remédio que me curvar, chorar de emoção, ficar de pé e aplaudir. Mas, graças a Deus —obrigado, meu Deus!— fui forte. A outra parte de mim, a fundamental, resistiu e se limitou a comprovar que minhas observações tinham sido, mais uma vez, corretas. Apenas um tema comovia o antichamas.

Apesar da minha confusão emocional, das contradições internas que se revoltaram dentro de mim, não estava disposto a abandonar esse homem, por mais antichamas que fosse. Eu era um boxeador golpeado, cambaleante, sim, mas também tinha auto-imposto jamais jogar a toalha da derrota.

Havia chegado a hora de viajar à dimensão física do palpável. Também aqui decidi ser gradual: oferecer a mão ao antichamas, incrementando cada dia um pouco mais a firmeza da minha saudação. Assim faria até que meu vizinho voltasse desse mundo distante e privado, dessa galáxia desconhecida e pessoal, onde sua chama tinha ficado irremediavelmente presa.

O aperto de mão é um idioma por si mesmo. O antichamas oferecia uma mão sólida, mas oca, sem nenhum tipo de conteúdo. A medida que eu apertava com mais força, ele fazia o mesmo. Não, me equivoco. Ele não fazia isso, o seu corpo fazia, de maneira reativa e reflexa. O conteúdo seguia sem aparecer, seus olhos quietos e inexpressivos podiam confirmar

isso. Ao final, o aperto de mãos já era doloroso, mas nenhum dos dois dizia nada. No meu caso, por razões óbvias. No caso do antichamas, de maneira incompreensível.

Inspirado por essas idas e vindas aos planetas antichamáticos, tive a brilhante ideia de tentar o caminho inverso. Na privacidade da noite, deixei a cabana em silêncio, onde minha querida esposa e meus filhos dormiam. Procurei o carro do antichamas. Furar um pneu ou quebrar um vidro pareciam idéias muito atraentes, mas barulhentas demais. Não desejava me expor desta forma. Escolhi um clássico arranhão lateral, silencioso e direto. Fiz ao passar, dissimuladamente, para que ninguém pudesse me identificar. Em todo caso, prossegui caminhando e dei uma volta na quadra. Regressei à cabana com naturalidade. Todos dormiam. Pensei por uns minutos no assunto e adormeci satisfeito, protegido por um sorriso que só o dever cumprido pode proporcionar.

O descanso noturno, além de merecido, foi longo e profundo. Ao acordar me senti invadido por certo nervosismo, pois o reencontro com o antichamas chegaria cedo ou tarde. Quando o encontrei nos espaços comuns do complexo, sua palidez me pareceu fantasmagórica. Dei-lhe a mão sem tanta intensidade, e lhe perguntei pela indissimulável circunspecção do seu rosto. Devastado, a beira do choro, confessou a nefasta descoberta que havia feito durante a manhã. A tristeza do seu relato parecia infinita e se estendia muito além das suas palavras, como se tivesse uma esteira flutuante capaz de permanecer no ar. Minhas emoções me traíram de novo. Um furacão furioso se apoderou do meu interior silencioso e o encheu com um rugido estremecedor. Tive que fazer um esforço sobrehumano para não ceder a este tornado negro que me esmagava e colocava o equilíbrio em risco.

Quando o antichamas terminou seu relato, eu estava comovido. Com grande esforço consegui recuperar a fala e, só então, pude tentar consolá-lo. Tentei em vão rebocar esta grande avalanche de sensibilidade mal estacionada para os aspectos verdadeiramente importantes da vida. Tentei convencê-lo de que um pequeno arranhão —bom, não era tão pequeno— sobre seu carro era uma ninharia se alguém conseguisse colocá-lo, era, sabiamente, em um calibrado contexto no qual as prioridades da vida estivessem adequadamente ordenadas. Ou pelo menos, em um onde os valores que a humanidade tinha elevado ao longo de muitos séculos, não sem dor, ocuparam um lugar mais importante que a porta —as portas e toda

a lateral— do seu carro. Falei com remarcada paciência sobre o bom, o belo e o verdadeiro, sobre o essencial e o transcendente. E sobre seus opostos. Foi inútil. Suas respostas se limitaram a diferentes versões de «mas, por que comigo? O que vou fazer agora??».

Eu estava perdido, a um passo de capitular. Não sabia o que fazer por esse antichamas incurável. Deveria abandoná-lo? Quem mais lhe ajudaria se não fosse eu? Estava sozinho, diante dele e de sua tragédia. Tudo dependia de mim e da minha comprovada capacidade de ajudar aos demais.

A resposta às minhas perguntas chegou na noite seguinte através de um sonho, esse canal misterioso por meio do qual as verdades presas (muito longe, em algum inframundo) conseguem deixar as celas da nossa inconsciência e chegar até nós. A solução ao enigma do antichamas era absoluta, não admitia condições nem alternativas.

Era muito cedo, minha família dormia. Sai resolvido da cabana, sem perder tempo com revisões nem explicações para minha querida esposa. Caminhei com segurança até chegar à cabana do antichamas e bati à porta com determinação. Ninguém respondeu. Bati mais forte. Logo após um minuto, sem deixar de bater, comecei a gritar o nome do antichamas. O vizinho ao lado abriu a porta da sua cabana; parecia chateado e perguntou o que acontecia. Vestia um clássico pijama listrado e tinha uma expressão que parecia de aborrecimento, ainda que seguramente se tratava de uma simples preocupação pelo antichamas. A claridade do amanhecer parecia afetar seus olhos claros, os quais esfregava com insistência. Agitado, lhe expliquei que nosso vizinho, o antichamas, necessitava da minha ajuda com urgência; tinha que localizá-lo o quanto antes. Me olhou com uma estranheza que suspeitei ser desqualificante, ao mesmo tempo que parecia ansioso para voltar a entrar. «Se foi ontem a noite», informou e regressou à cabana batendo a porta muito forte, o que me pareceu bastante negligente com o sono dos demais vizinhos. Perturbado, sai correndo à rua e verifiquei com inquietação que o carro do antichamas não estava.

Que difícil pôr em palavras a pesada e incontida sensação que me invadiu neste momento; de fracasso, de não ter cumprido, de trair o antichamas e a humanidade! Tinha falhado, tinha falhado com todos. Achei que jamais sairia de semelhante fosso depressivo repleto de culpas.

Cai sentado na rua de areia e não pude evitar de segurar a cabeça. Fiquei nessa posição durante um tempo impossível de mensurar, até que minha querida esposa me levantou e levou de volta à nossa cabana.

Ela tinha preparado um magnífico café da manhã, cheio do seu característico amor e, mais importante ainda, de deliciosos churros recheados com doce de leite. Pude ver como o sol radiante ascendia leve através da diáfana plenitude do céu azul. Meu ânimo começou a despertar e a esperança, morna como os chimarrões nos quais havia aprendido a me refugiar, foi voltando.

Não iria ser fácil mas, de uma forma ou de outra, encontraria o antichamas. E o salvaria. Por bem ou por mal.

Os segredos

Para Sabri.

Tive que revelar meu segredo de uma maneira tão insignificante quanto inesperada.

O dono das cabanas pediu que algum de nós dois se registrasse no complexo. Os dados requeridos pelo formulário de registro eram poucos, ainda que suficiente para expor o segredo de quem assumisse a tarefa. Sem demonstrar sua total compreensão da situação e as consequências, ela permaneceu ao meu lado e contemplava a cena, impassível.

Hesitei em vão um instante imperceptível. Procurei razões que me levassem à evasão do que soube que era inevitável desde o primeiro encontro. Sem olhar para ela nem dar indícios da derrota que me invadia, peguei a caneta que o dono nos estendia e assumi a sempre difícil tarefa de me abrir e me tornar vulnerável. Fazendo isso, não só me condenei à revelar meu segredo, mas também a protegi com um duplo gesto de pretenso cavalheirismo com o qual esperei, ao menos, seduzi-la.

Ela era nívea e civilizada, como a terra de onde vinha, longínqua em quase tudo do Camboja, longínqua em quase tudo da minha . De modo simultâneo e imprescindível, habitava nela (e em sua terra) uma pulsão escura que tive o privilégio de conhecer e sentir.

Nós dois sabíamos dos segredos, embora só conhecíamos o próprio. Sempre soubemos, desde o primeiro momento em que nos conhecemos. No dia anterior, quando mantivemos os olhares e me aproximei para falar com ela abertamente, sem desculpas; quando a convidei para caminhar ao longo da dourada e solitária Praia de M'Pay, cedo, uma manhã seca e ensolarada com a pequena Ilha de Koh Koun como única e reservada testemunha. Sabíamos nessa mesma manhã, quando a beijei pela primeira vez e ela se deixou levar, cristalina e calma, como as águas cálidas do mar que nos envolvia. Também a tarde quando foi difícil separarmos. E a noite, quando estremecidos pelo amanhecer da lua no horizonte, nos beijamos nus em um mar preto que cintilava brilhos na cor branco-esverdeado, ao ritmo das nossas manobras de amor inacabado, contido apenas pelo mais são dos

temores. Sabíamos durante o dia seguinte, quando caminhamos sem saber rumo às cabanas, sob um sol fulminante que parecia um destino adverso; quando embarcamos no pequeno barco tapejara que nos levou até as margens da magnífica praia de Saracen e nos comovemos, incrédulos, com o espetáculo natural que se abria diante de nós; e quando dormimos extasiados sobre um colchão de areia branca, à sombra de uma árvore estóica que parecia que sempre esteve ali, nos esperando.

Sim, o tempo todo sabíamos dos segredos. E o tempo todo tivemos cuidado ao mencioná-los, talvez para nos convencer de que não eram importantes, apesar de suas presenças silenciosas, das suas ausências constantes e artificiais que sugeriam o contrário; ou, para que seu conhecimento não se interpusesse entre nós; ou talvez algo muito mais simples, porque os segredos estimulavam ainda mais a atração incontrolável que sentíamos um pelo outro, como também fazia o exótico afastamento de Koh Rong Samloem.

Os segredos não eram, no entanto, indecifráveis. Nós mesmos tínhamos adivinhado suas existências assim que nos descobrimos e suspeitamos das silhuetas nas quais se encerrava o mistério. Os demais também podiam perceber os segredos, mas a necessária simplificação dos fatos impedia-lhes de interpretar como só nós podíamos fazer.

Me inclinei sobre o documento, básico, que me dobraria em poucos suspiros. Mais que cair, me surpreendia ter que fazer isso dessa forma tão inocente e ingênua. Disfarcei a procura de alternativas com uma leitura geral do papel. Não as encontrei, exceto a de mentir sem riscos, caminho que descartei por não considerar à altura da minha autoestima. Ela decidiu ficar e com isso me forçar à verdade, no lugar de se retirar da sala com qualquer desculpa. Completei meus dados com determinação, como se deve fazer as coisas quando, equivocados ou não, decidimos fazê-las. E me expus diante de seus olhos claros que, obviamente, advertiram a revelação e brilharam, embora não os tenha olhado para não me delatar.

Já registrados, fomos para a nossa cabana. Era igual a todas as demais, como tende a ser igual o que não é importante. Estava sobre a areia, a poucos passos de um mar que entoava o vai e vem das ondas, a cortina musical de fundo a qual tínhamos aprendido a nos acostumar. O sol não tinha se posto, mas quando entramos o que vimos foi a noite. Deixamos ali nossas coisas e fomos caminhar ao longo da baía. Fizemos isso lenta e despreocupadamente, como se fôssemos os mesmos de antes, como se meu

segredo desmascarado não tivesse consequências. Mais de uma vez, nos detivemos para beijar-nos com determinação, com certeza, para deixar claro a fronteira das nossas omissões. De volta, durante o jantar, nos olhamos nos olhos com a ajuda silenciosa das velas que iluminavam as pequenas mesas sobre a praia. Dominados pelo improviso, como a felicidade gosta, ali nos desfizemos das nossas últimas moedas.

Incentivados pelo calor, pelo imediatismo e pela segurança de estar frente a (ou dentro de) uma lembrança indelével, submergimos outra vez na noite do mar e nos perdemos no mágico labirinto dos beijos salgados. Talvez porque o segredo duplo me parecia excessivo, talvez porque não podia ser de outro modo, por fim lhe disse o que já sabíamos:

—Agora você sabe meu segredo.

—Sim —respondeu, serena. Não havia nada a agregar e não o fez. Nos olhamos sem falar durante vários minutos, o que marcou o momento no futuro como faria um ferro quente.

—Você quer saber o meu?—se decidiu, por fim, não me deixar sozinho.

—Não sei —respondi, e era verdade.

Outra vez o olhar, outra vez o silêncio. Com suas pernas abraçou minha cintura, pegou meu pescoço entre suas mãos e aproximou sua boca até o meu ouvido, onde com um sussurro derramou seu segredo, o qual era breve e inequívoco, como um número.

Ficamos muito próximos, protegendo-nos do extraordinário momento, suspeitando que, talvez, tudo aquilo se converteria algum dia, em dor.

—Tenho frio, vamos sair—disse, e estendeu sua mão quente que nos resgatou do mar e nos guiou até a intimidade da nossa cabana.

Das almas, agora sem os segredos cruzados, a nudez se estendeu até nossos corpos e nos amamos pela primeira vez, livres, com desejo mas sem medos, sob a proteção esbranquiçada de um véu humilde que, no entanto, alimentava a ideia de fantasia, de miragem. Seu corpo jovem, sua pele suave e seu amor tímido realçavam com o tênue alvor da lua que se infiltrou na cabana, como também fazia a ressonância do mar e da selva. Sua boca habituada a sorrir adotou dessa vez os contornos do prazer quando alcança suas fronteiras com a dor. Cada um dos sabores da pele, cada entrega sem condições, em definitivo, tudo resultou insuficiente para saciar nosso

instintivo desejo de eternidade. O amanhecer trouxe a noite ao nosso impossível e nos mergulhou em outro sonho.

Dormimos pouco. Quando acordamos, a realidade nos encontrou exaustos, famintos e sem dinheiro. Repletos do inesquecível, recusamos a vista obrigatória do Velho Farol. O paraíso que nos cercava, e também o nosso momento recente, nos proporcionou a energia que necessitávamos para um regresso que prometia ser longo e incerto.

De mãos dadas, agarrados ainda ao irrepetível, deixamos para trás a branquíssima praia, a felicidade e os segredos. Caminhamos várias horas sem falar já que as palavras sobravam como havia sobrado antes. O sol reinava na altura azulíssima, era pura energia. Fogo. Como nosso olhar cúmplice, como nosso segredo.

Trem a Zurique

Para Guido.

Diria que esperávamos algo, certa normalidade ou certo tédio, porque quando abrimos a porta do compartimento nos surpreendemos. Primeiro, pela música que tocava muito alta e parecia balcânica. Depois de repassar em minha memória esta história dezenas de vezes, acabei concluindo que era cigana, concebida na Hungria ou em algum outro canto do Leste Europeu. Segundo, porque as responsáveis pela música eram duas mulheres jovens, suficientemente atrativas, de roupas ajustadas e olhos delineados, super negros, desses acostumados a sempre se levantarem. Por um momento, me senti em um trem urbano da periferia de Buenos Aires. Antes de entrar e após um primeiro oi, vi meu bom amigo Gino se espreitar por cima do meu ombro.

O compartimento era mais um dentre os que faziam parte do vagão do trem. Os vagões também eram muitos e excediam a área coberta da estação. O dia se apagava. Estava mais próximo das sete do que das seis, mas acima de tudo, era tarde. Chegamos ao nosso trem bem a tempo, literalmente correndo. Nós estamos entrosados, exceto na hora da pontualidade. Em parte também por isso, meu amigo era «tudo o que se diz de Buenos Aires», segundo as palavras de um passageiro suíço do mesmo trem que conheceríamos horas depois.

O trem partia da magnífica estação de Keleti, a mais importante das grandes estações ferroviárias de Budapeste, a cidade que costuma me levar de volta à arbitrariedade dos meus sonhos. Não houve tempo —como sempre que se prioriza de maneira equivocada— para desfrutar da sua eclética arquitetura. Seus enormes salões, separados entre si por grandes portas de madeira, estavam guardados por sólidas colunas de mármore rosa e quase sempre por afrescos de Karoly Lotz.

O destino final era Zurique, localizada a cerca de mil quilômetros de distância.

Entramos no compartimento e cumprimentamos as duas mulheres com um sorriso mais sugestivo do que necessário, apertamos as suas mãos

enquanto nos apresentávamos, em inglês. A saudação comedida, procurava equilibrar o desordenado desejo de explorar nossas novas companheiras de viagem com o civilizado afastamento que as pessoas preferem na hora de uma saudação inicial. As mulheres responderam com moderado entusiasmo, talvez porque não entenderam nada do que dissemos, já que aparentemente falavam um idioma incompreensível para os nossos ouvidos, provavelmente húngaro.

O compartimento tinha seis camas. Verificamos que os números indicados eram os corretos e acomodamos nossa bagagem. Enquanto isso, as mulheres não abaixaram a música, o que não sei se me incomodava, mas me chamava atenção. «Que estranho que não abaixem a música», comentei com Gino, depois de conversarmos um momento. «Sim», respondeu.

Meu comentário foi quase uma provocação para Gino, que agarrou uma das mulheres pelo braço e, apontando para o aparelho de som, consultou vagamente a origem daquela música. Culpadas, ajustaram o volume imediatamente, enquanto pareciam se desculpar. Gino omitiu as explicações e, em troca procurou saber seus nomes: Dika e Malina. Deixou que soubessem que éramos da Argentina e alguns dados básicos relacionados, como o fato de que falávamos espanhol. O impulso da intenção conseguiu estender a conversa, algo que o entendimento efetivo jamais teria conseguido. Dika, a menos atraente e talvez por isso a mais decidida, contribuiu com algumas palavras chaves em inglês que ajudaram a desatar algumas conversas travadas, para não dizer inexistentes.

Logo após a partida do trem, uma terceira mulher se juntou ao nosso compartimento. Seu nome era Rozi e conhecia as outras. Depois de se acomodar em sua cama, uniu-se à nossa tentativa de diálogo e, sem muito esforço, arrancou de Malina o título da mais atraente do grupo.

Quando o esforço inicial da conversa se esgotou e a comodidade do próprio idioma se impôs, eu e Gino decidimos sair rumo ao corredor. Olhamos pela janela, já era noite. Adivinhamos o frio e a escuridão do outono tardio assentado sobre a invisível planície húngara que o nosso trem atravessava sem muita pressa. Quando prestamos atenção ao corredor, tão estreito quanto duas pessoas que se cruzam, nos foi impossível continuar indiferentes. Outros passageiros também tinham saído dos seus compartimentos, talvez para esticar as pernas ou refrescar seus sonhos na escuridão da janela; ou lembrar um inferno que deixavam para trás, ou

imaginar um que estava por vir. Não sabíamos. «Cara, porque tem tantas minas no corredor?», perguntei a Gino.

A aparição do guarda adiou as suspeitas que já começavam a crescer e nos levou de volta ao compartimento, onde procuramos os boletos e passaportes. O guarda, que assim como quase tudo no trem parecia húngaro, pegou nossa documentação e a examinou por longo tempo com uma notável capacidade de não se entediar. Ao chegar a uma conclusão, anunciou em um esforçado inglês que os bilhetes eram inválidos pelo fato de que não tínhamos completado a data de uso. Portanto, deveria reter a documentação até que pagássemos uma multa cujo valor era exorbitante. Foi inútil explicar-lhe mil vezes que não conhecíamos o procedimento e que, até esse momento, os guardas tinham preenchido a data dos bilhetes. A discussão se estendeu por mais de uma hora. Dika, por experiência ou por diversão, nos incentivava a não ceder. O guarda, exausto, decidiu terminar a controvérsia ameaçando nos expulsar do trem na próxima parada, cujo nome era impossível de lembrar, mas se tratava essencialmente do centro gelado do nada húngaro. Esgotadas as instâncias de argumentação, dissemos que muito bem, pagaríamos a absurda multa, mas depois de uma hora de discussão, ele sabia muito bem que não estávamos mentindo; éramos da Argentina e não nos sobrava dinheiro, como seguramente tampouco sobrava para ele ou para os seus filhos. Para terminar, dissemos a ele que deveria carregar essa culpa até o fim dos tempos, dando assim um fim decididamente emotivo a nossa alegação final. Foi então quando, pela primeira vez, o olhar do guarda divergiu de suas palavras e disse que sentia muito, mas que as regras eram assim, portanto iria buscar os recibos e voltaria para efetuar a cobrança.

Enquanto esperávamos o guarda que nunca voltaria, notamos que tínhamos concentrado a atenção de todos os passageiros do corredor; ou melhor, das passageiras, já que quase todas eram mulheres e jovens. Gino me olhou, logo enfocou novamente o corredor e lançou uma corda visual cujo extremo ficou ancorada nos olhos de uma das meninas, Lumi. Ajustou essa corda imaginária e a puxou até ficar parado muito próximo dela. Então descobriu que o olhar de Lumi—quer dizer, Lumi—era dura, resistente e ousada.

Ficaram frente a frente, a uma respiração de distância, quase soltando faíscas. Gino lhe falava em espanhol e Lumi respondia em seu próprio idioma, ambos com chamativa determinação. A conexão fluía e pareciam se entender, apesar dos idiomas incompatíveis, ou talvez graças a isso. Ele

tirou do bolso um pequeno guia de Budapeste. Entre outros recursos oferecia umas trinta e poucas frases em húngaro, incluindo algumas que desafiavam o turista a tentar a sorte na difícil arte da sedução magiar. Mostrou a palma da sua mão à Lumi, pedindo paciência, enquanto lia o guia em silêncio. O corredor inteiro, convertido agora em uma espécie de tribuna, olhava expectante. Os seis passageiros do compartimento mais próximo já tinham ido deitar, mas não se privaram de abrir bem a porta e espiar da cama. Quase como um silêncio, o som do trem avançando sobre os trilhos e travessas tinha ocupado tudo. Muito antes de estar preparado, Gino começou a atirar palavras em húngaro com a ajuda do seu pequeno guia, enquanto as mulheres do corredor explodiam em gritos e aplausos. Lumi também ria, enquanto alternava comentários impenetráveis com as mulheres que a apoiavam. O show público de cortejo intercultural durou vários minutos. Lumi não retrocedia nem um milímetro e Gino já não podia mais se aproximar, assim que buscava uma carícia nos braços ou no cabelo, enquanto tentava, sem êxito, pegar sua mão.

O momento seguinte —a essa altura podia ser tudo— foi interrompido pela aparição de uma mulher tão jovem quanto as demais, mas muito diferente e zangada. Era loira, com o cabelo muito esticado, preso com um rabo de cavalo apertado acima da linha das orelhas. Quase gritando, ordenou às meninas que fossem para seus compartimentos. Com relutância, obedeceram. Pude ver os olhos decepcionados de Lumi que dedicou um último olhar de reconhecimento a Gino, lhe disse o nome de um hotel e se foi com a cabeça baixa, quase arrastando os pés, até desaparecer no final do corredor. Ele estava de costas, mas não precisei ver seus olhos para saber que o desencanto era ainda maior.

Não conformada com a liberação do corredor, a loira encarou Gino e ordenou-lhe, em um inglês perfeito, que deixasse de falar com as meninas, como se qualquer um estivesse em condições de entrar pela janela e intimidar um portenho de lei. Gino me olhou e logo, em argentino puro, lhe perguntou «e quem diabos é você?», com toda a ajuda sentimental que foi capaz de concentrar em suas mãos e corpo. A mulher voltou a atacar com seu sermão enquanto Gino se transformava em uma incapacidade de aceitar feita de gestos: negava com a cabeça, agarrava o rosto com as mãos, mordida os lábios e revirava os olhos para cima. «Olha querida, velha eu tenho uma só e está em Liniers, assim que vaza daqui, tchau», devolveu as ordens, enquanto estendia o braço sinalizando o final do corredor. Era impossível

saber se a mulher tinha entendido algo, mas não que se retirou gritando coisas pouco bonitas em alemão.

O corredor ficou deserto. Me aproximei de Gino e foi pouco o que comentamos sobre o ocorrido, já que um dos passageiros que presenciou o show (da sua cama) tinha levantado para conversar conosco. Se apresentou como Rapha e estava sorridente. Como um bom suíço, falava espanhol e vários outros idiomas. Olhou pro Gino por uns segundos, deslumbrado, como se tivesse diante a uma lenda que, de repente, se tornava realidade e acessível «Você é tudo o que se diz sobre Buenos Aires», confessou por fim quase emocionado. Ganhou nosso carinho com facilidade e conversamos com ele por quase uma hora, até que um passageiro de sono impaciente nos pediu silêncio. Despedimos com um abraço e fomos para nosso compartimento.

Dika, Malina e Rozi estavam acordadas, conversando, ou talvez esperando. Nos olharam de uma maneira nova que não entendi completamente. Sem muitos desvios, Dika tentou nos dizer algo com ajuda das mãos. Apontava para todos e depois batia a parte superior de um punho contra a palma da outra mão. Estava propondo sexo grupal. Olhei para Gino. Agindo sem inocência, disse à Dika que nos parecia uma excelente ideia, tirei a camiseta e tentei avançar até ela. Me deteve com a ponta do seu dedo sobre meu peito e esclareceu, gesticulando, que poucas coisas na vida são grátis. Olhei de novo para Gino. «Não, não... nós não vamos pagar... em todo caso, vocês deveriam nos pagar...» contra-ataquei em inglês, enquanto lentamente começava vestir a camiseta e Dika, talvez decepcionada, tentava prosseguir a negociação através de mais sinais, oferecendo-me talvez um grande desconto. Minha intransigência a fez buscar a Gino, que sorria ao meu lado «Não, não... somos latin lovers... podemos fazer sem envolver dinheiro, mas não vamos pagar...», confirmou também em inglês. Dika olhou para suas companheiras e houve uma breve e incompreensível deliberação. Quando chegaram a um acordo, Rozi apagou a luz.

A polícia suíça foi a responsável por nos acordar na manhã seguinte. Nada do ocorrido durante a noite me impediu de dormir abraçado à minha mochila. O trem estava parado na fronteira e os oficiais suíços passavam para controlar os passaportes. Estava tudo bem no nosso compartimento, mas se escutava um certo tumulto na plataforma. Como a demora se estendia muito, eu e Gino saímos ao corredor para olhar pela janela. Havia

meia dúzia de oficiais suíços, três guardas, mais ou menos vinte meninas e a mulher loira sempre zangada. O diálogo principal era entre um oficial suíço e o guarda que na noite anterior nos esqueceu ou nos perdoou. A inexpressividade gestual dos homens nos impedia de adivinhar se estavam de acordo ou não, embora ao lembrar o último olhar do guarda, e por simples oposição ao oficial suíço, presumi que não estavam. Depois de vários minutos contemplando a operação, se tornou claro que as vinte e poucas meninas não cumpriam as condições necessárias para cruzar a fronteira para a Suíça. Parecia incrível que as pessoas pudessem embarcar nesse trem durante à noite sem contar com a mínima segurança de poder cruzar a fronteira. Minhas perguntas não paravam de se multiplicar. A conversa dos homens se desenvolvia alimentada pela intervenção recorrente dos outros oficiais, às chamadas através dos rádios e à mulher loira mal humorada. Mergulhado no silêncio, não sabia se desejava que as meninas pudessem cruzar a fronteira ou não. Olhei pro Gino: ele tampouco sabia.

Finalmente as meninas não puderam continuar a viagem e as vimos se afastarem do trem, o qual retomou o caminho para Zurique, correndo a partir deste momento sobre o território suíço. Dika, Malina e Rozi tinham voltado à cama depois da verificação dos seus passaportes e dormiam suavemente, alheias ao conflito da fronteira, como se não tivesse nada a ver com elas ou como se fizesse parte da normalidade das suas viagens. Para não acordar-las, Gino e eu tomamos o café da manhã em silêncio, tentando encaixar as peças do quebra-cabeça que agora, parece se apresentar tão claro.

Chegamos à Zurique com sentimentos confusos. Despedimos de nossas companheiras com um beijo que tinha gosto de abandono, de impotência. Deixamos rápido a estação, como se estivéssemos fugindo. Caminhamos com determinação, mais para afastar-nos dali do que para chegar ao nosso apartamento, localizado em uma das tantas construções homogêneas que povoavam a rua Hardstrasse.

O dia foi longo, insubstancial e pouco triste, como uma espera. Talvez ingênuos, essa mesma noite fomos em busca do hotel cujo nome havia sido a despedida de Lumi. Não foi difícil encontrá-lo, mas não conheciam ali nenhuma Lumi, nem nenhuma menina húngara, ninguém. A interminável história do trem havia terminado, ao menos até hoje. A literatura é, às vezes, uma forma de resistir aos finais.

Sepultada a desejável aventura de Lumi, nos conformamos em percorrer Zurique do modo recomendado, razoável. Caminhamos pelas ruas cinzas, ordenadas, perfeitamente mantidas, as quais levavam de uma forma ou de outra às águas claras do rio Limago. Visitamos as pacíficas igrejas de São Pedro e de Fraumünster, cuja tradução para o espanhol nunca havia sido completamente resolvida. Saboreamos o famoso chocolate e admiramos a eficiência do sistema de transporte. Contemplamos desde o afastado mirante de Ütliberg até a bela paisagem de lagos e as suaves colinas que abraçavam a cidade.

Zurique se apresentava diante de nós de maneira amável, silenciosa e civilizada. Não pode, no entanto, esconder seu lado secreto e primitivo, brutal e negro, bestialmente faminto de Dikas, Malinas, Rozis e Lumis.

O duelo

Alexei tinha dezenove anos naquele dia de dezembro. Levantou cedo, com tempo suficiente para tomar o café da manhã de sempre e chegar a tempo no lugar combinado. Pensou em desistir, mas não por medo de morrer, e sim pelo extremo cansaço que vinha sofrendo durante os últimos meses. Desejava mais do que tudo ficar deitado, a salvo do doloroso mundo exterior.

Ficou de pé, se embrulhou na sua manta e sentou na frente do pequeno aquecedor. Ficou ali, imóvel, durante vários minutos. Quando por fim reagiu, esquentou a água e preparou um chá. Tomou o chá acompanhado de um pedaço de pão duro. Ao terminar, pegou o espelho e se olhou. Viu a juba desarrumada e a barba crescida. Não encontrou, em troca, nada que valesse a pena, nada que o empurrasse à covardia.

Sua vida era uma cruz. Nas suas próprias palavras, estava «tão doente quanto é possível estar». Um estado tão terminal quanto cheio de oportunidades. A primeira delas, O Final.

Caminhou até a janela e olhou através dela com um gesto mais sem vontade do que reflexivo. A planície da cidade só permitiu que visse as outras casas do bairro. Por contraste, lembrou do desnível da sua cidade natal, Nijni Novgorod, fornecedora de vistas muito mais generosas, um convite a sonhar. Sentiu uma nostalgia incomum por aquele lugar que nunca chegou a apreciar. Quando não podia mais se demorar, colocou o casaco. Arrumou o quarto e fechou a porta com a instintiva esperança de retornar.

Caminhou até o Rio Kazanka com lentidão e resignação. O rio avançava calmo, silencioso e imparável, como a morte. Olhou para o oeste e pôde ver o Kremlin da cidade, com a escalonada Torre de Siuyumbiké que se destacava. Depois olhou para o leste, onde seu adversário, o amanhecer e O Final estariam esperando por ele.

O frio já se fazia sentir em Cazã, embora o pior ainda estava por vir. Sempre tinha sido assim, mas não conseguia se acostumar. Pior, o detestava com todo seu ser. Esse ódio tão visceral tinha se convertido na sua última âncora, em sua esperança mais decidida. Se O Final se adiasse, não

duvidaria, deixaria para trás todos os confinamentos e partiria rumo a qualquer dos suís: Cáucaso, Itália... não importava realmente.

O caminho se abria ao longo da margem sul do rio. A possibilidade certa do seu último dia o fazia ver tudo mais brilhante e pode perceber muitos detalhes que até esse momento não havia percebido, como a superfície gelada rachando ou as duras carícias do vento. A luz ia ganhando terreno. Era mais evidente que as densas nuvens de cor preta ameaçavam desatar em chuva ou em uma nevasca, embora no horizonte o céu estava claro em todas as direções. Não acreditava no inexplicável, mas ainda assim, cedeu à tentação de ver na composição climática um bom presságio, como talvez tenha feito seu adversário, em algum outro ponto da cidade.

Sob o disfarce do senso comum, o medo finalmente entrou em cena. Teve que reconhecer que o duelo não resolveria nada, para ninguém. Todos sairiam perdendo, mas não havia margem para retroceder. O homem que olhava para ele de um ponto mais alto na colina nem sequer imaginava que Alexei, com seu passo cansado e monótono, poderia estar duvidando. Pouco pôde o medo na hora de deter o destino.

Não. Como sempre, não se tratava daquela mulher, nem da honra, nem da palavra empenhada. Necessitava desse momento crítico para se libertar. E com qualquer dos desenlaces, a liberação chegaria.

Chegou ao lugar onde seu adversário já estava esperando por ele. Sentiu uma estranha satisfação: preferia as histórias a dois. Caminhou até ele e, quando se enfrentaram, se deram as mãos com firmeza, buscando ganhar o duelo antecipadamente. Concordaram que a disputa seria particular, sem testemunhas nem denúncias. O ganhador sairia e, anonimamente, daria o aviso à polícia. Como já tinham combinado: as armas deveriam ser iguais e fariam um único disparo. Apertaram as mãos novamente e o código de honra ficou estabelecido.

A partir desse momento, tudo aconteceu além da sua vontade. Viu a si mesmo constituindo o desenlace de uma enorme bobagem que, no entanto, era incapaz de deter. Se viu caminhando lentamente e tomando posição, relaxando o pescoço, respirando fundo e carregando sua arma. Se viu, em definitivo, virar um personagem incompreensível e estúpido, como aqueles com quem havia compartilhado sua vida breve e dura. Esses que o fascinaram tanto e que achava impossível ser.

O desenlace pareceu-lhe breve, surpreendente e, só um pouco mais tarde, doloroso. Caiu de joelhos, com as mãos cada vez mais vermelhas

agarrando a parte inferior do seu peito, para logo ficar sobre a neve. Pode ver seu adversário correr até ele, apertar seu ombro em inequívoco sinal de apoio e sair correndo para o oeste. Também viu O Final se aproximando lentamente.

A dor e o frio cresciam. Mas sua liberdade crescia mais, até alcançar a plenitude. Definido o fundamental, só restava saber se viveria ou não. Dois oficiais da polícia chegaram para intervirem nesse esclarecimento. Colocaram-no em um dos seus cavalos e o levaram-no até a (laranja) casa do Fedorovsky, reconhecido médico que vivia a uns poucos minutos dali.

Fedorovsky achou estar frente a um desses casos nos quais a recuperação do paciente se decide no mais profundo da sua alma. O médico cumpriu com sua parte e aplicou o procedimento recomendado, o qual demonstrou ser eficaz depois de umas poucas horas. Quando Alexei acordou, os policiais começaram a interrogá-lo, mas só obtiveram respostas evasivas disfarçadas de dor. O experiente médico requisitou aos policiais um momento a sós com o paciente. Depois de poucos minutos, saiu do quarto para comunicar-lhes que se tratava de uma «equivocada, mas necessária tentativa de suicídio». Os policiais se olharam por um instante. Desinteressados na verdade infrutífera, anotaram no relatório e deixaram o lugar.

O hotel

Para Vili.

Nos reencontramos às margens do Danúbio, próximo à mágica Ponte das Correntes (cujo nome oficial é Széchenyi lánchíd). Pela cor sépia do ambiente, que também tinha um sutil tom violeta, sinto que o pôr do sol nos alcançaria em breve. A julgar pela maneira como nos vestíamos, é provável que se tratasse de um outono incipiente.

Você chegou muito tarde, embora nem sequer me dei conta. Nos abraçamos com sentimento durante longos minutos. A conversa transcorreu carregada de doçura, enquanto todo nosso entorno parecia ter parado no tempo. Não sem carícias, começamos a reconstruir a intimidade que alguma vez tivemos.

Eu tinha ido até Budapeste para te ver. Aparentemente, tinha sentido muito a tua falta. Tudo sugeria que não era a primeira vez que nos encontrávamos na cidade e que tínhamos sido felizes ali. E quando digo tudo, me refiro aos teus olhos tão especiais, sempre cheios de brilho.

Depois de muitos anos na sua amada Sofia, você se mudou para Budapeste. Vivia onde sempre desejou, sobre o lado oeste da cidade, não longe do Castelo de Buda. Eu não lembrava que você tivesse mencionado alguma vez esse desejo, mas tenho certeza de que era assim.

Querias me mostrar algo, uma surpresa. Caminhamos algumas poucas quadras de mãos dadas, afastando-nos do rio até chegar ao seu carro. Sem dúvidas era vermelho, mas lembro dele azulado. Te notei mais determinada, ou impaciente, ou com menos tempo (ou talvez fosse tudo a mesma coisa).

Nos dirigimos rumo ao norte, não longe do centro. Buscávamos «o hotel», você me comentou com naturalidade. A ideia «do hotel» me parecia familiar, embora não entendia seu significado, nem a razão pela qual íamos ao seu encontro. Quando estávamos chegando, você o apontou: um hotel muito grande, sobre uma encosta, do outro lado do Danúbio. Era imponente —como quase tudo em Budapeste—, embora me lembrasse o Edifício do

Arquivo Nacional. E tinha um telhado multicolorido, ziguezagueante, como o da Igreja de Matias.

Eu sabia que no passado tínhamos buscado «o hotel» com insistência, mas nunca o tínhamos encontrado. Não lembrava—nem lembro—o porquê. Sabia também que a razão dessa busca estava na frase escrita na fachada da construção, logo abaixo do teto.

Eu via a frase, mas não podia —nem nunca poderia—saber o que dizia.

Nos olhamos com cumplicidade, como se eu também tivesse compreendido o significado da frase. Me surpreendeu que contemplássemos «o hotel» durante vários minutos, em silêncio, talvez com o temor de não vê-lo novamente (ou pior, de não vê-lo novamente juntos). Também em silêncio voltamos ao carro e tomamos o caminho de volta para seu apartamento.

Você tinha preparado uma comida com um intenso e delicioso aroma eslavo, embora eu não soubesse dizer o que era nem como era sua aparência. Você terminava de acender a última vela que alaranjou todo o ambiente, quando te agarrei por detrás com força. O jantar foi adiado, necessário e indefinidamente, porque nos abraçamos, nos beijamos e nos amamos com desespero, até que as velas se consumiram. Logo, quando a escuridão era completa, tudo se tornou negro para sempre.

O aplauso

Para Jakun.

Faz exatamente trinta anos, em 2016, que eu estava sentado onde vocês estão agora. Nesse momento, tinha só vinte anos de idade. Ao meu lado havia três estrangeiros mais velhos que eu. Depois de uma breve conversa casual soube que eram dois argentinos e um coreano. Pela proximidade geográfica eu havia conhecido outros coreanos, mas era a primeira vez que via um argentino. A relação entre eles parecia

muito boa, embora, em momentos como os que descreverei em seguida, tive a impressão de que o coreano não desfrutava da companhia dos argentinos.

Nesse lugar, de onde lhes falo agora, estava o Presidente. Prestes a nos oferecer o discurso de abertura de um evento dedicado aos jovens universitários, como vocês, dessa instituição. O lema do evento era «Faça ouvir sua voz».

O Presidente esteve exercendo seu cargo por mais de trinta anos, em um sistema que pouco tinha de democrático. E talvez por isso, o tratavam com reverência (atrás da qual, quase sempre, se esconde o medo) e toleravam a monotonia dos seus discursos. Carentes de uma mínima empatia com o público, esses discursos podiam chegar a durar até três horas, por mais insignificante que fosse o evento.

Esse era o contexto quando o Presidente começou seu discurso e nos preparamos para escutá-lo durante um longo tempo.

Depois de quinze minutos, já era evidente que ninguém estava escutando o Presidente. E também que isso não lhe importava em absoluto.

No entanto, ao meu lado, os argentinos começaram a dar sinais de impaciência. Primeiro se agitando nos seus assentos, depois conversando entre si e finalmente rindo. Lembro que repetiam a frase «Vamos arredondando, querido» (um argentinismo que se refere ao pedido de que termine uma exposição) e isso lhes causava muita graça.

Vinte minutos depois de ter começado o discurso, o argentino que estava ao meu lado começou a preencher o formulário de satisfação. Parecia pouco lhe importar que a jornada recém começara. À pergunta sobre a pontuação do evento, respondeu qualificando-o com um quatro. Na hora de justificar esse número, completou a área de texto com a seguinte mensagem: «A abertura do Presidente foi extensa demais e desinteressante». Tendo em vista que não falava o idioma, a justificativa me parecia de uma audácia considerável. No entanto, é certo, que a simples observação do público—todos estavam com seus telefones celulares— a justificava. Poucos minutos depois, decidiu reforçar o argumento: «A mensagem do Presidente foi na direção contrária ao lema do evento». Afastou a folha, olhou-a com satisfação e a guardou com muito cuidado na sua pasta, como se tratasse do documento mais importante que tinha.

Aos quarenta minutos do discurso do Presidente, o outro argentino (que tinha uma camiseta azul e vermelha) começou a explicar ao seu compatriota algo que, a julgar por sua abundante linguagem gestual, parecia um plano. Um que envolvia a todos os estudantes que os cercavam, já que logo depois de terminar com seu compatriota, começou a dar dissimuladas instruções ao coreano e a todos ao seu redor. O primeiro argentino fez o mesmo, neste caso incluindo-me:

—Quando o Presidente fizer novamente uma pausa começamos a aplaudir. E não paramos até que se vá— me disse, com o polegar para cima e uma expressão facial de otimismo (levantando as sobrancelhas e movendo afirmativamente a cabeça) que não dava lugar a uma negativa.

De fato, o Presidente fazia uma breve pausa a cada dez minutos, tomava um gole de água e continuava.

Quando a primeira das pausas esperadas chegou, os argentinos começaram a aplaudir com determinação. Mais pelo incômodo de deixá-los sozinhos do que pelo desejo de nos juntar a essa idéia quase adolescente, os seguimos. E os restantes, de tão distraídos, nos seguiram pela inércia. O aplauso surpreendeu ao Presidente porque não havia dito nada relevante. Primeiro, abriu os olhos olhando ao público e logo buscou explicações entre seus assistentes, os quais também se olhavam perplexos.

O aplauso, ademais, se estendeu mais do que o normal. Quando começava a decair, os argentinos aplaudiram com mais força e incentivaram sob o grito de «Vamoooo» (uma expressão argentina muito informal de encorajamento), o qual empurrava a coragem dos estudantes ao seu redor.

Quando o incômodo dos estudantes foi maior que o encorajamento, o aplauso cessou e o Presidente continuou com seu discurso.

Os argentinos nos parabenizaram discretamente e fizeram um sinal (movendo o dedo indicador de maneira circular e a cabeça afirmativamente) que todos interpretamos como «quando fizer a pausa, faremos de novo». Enquanto isso, o coreano afundava a cabeça entre suas mãos e a movia em franco gesto de desaprovação.

Assim fizemos uma dezena de minutos mais tarde quando o Presidente fez sua esperada pausa e bebeu água. Um enorme aplauso com epicentro nos argentinos explodiu e se tornou incômodo muito antes, já que era, na realidade, uma continuação do anterior. Apesar disso, o aplauso conseguiu se estender por um tempo ainda maior. O incômodo do Presidente e de seus assessores se tornou evidente. Também, o medo de alguns estudantes. O aplauso, finalmente, cedeu.

O Presidente retomou seu discurso mas sua voz se notava tensa e exibía uma maior propensão a cometer erros. Os murmúrios cresciam à medida que passavam os minutos e não fazia a pausa que todos estávamos esperando. Depois de vinte minutos sem parar, o Presidente não pôde mais e teve que realizar o esperado descanso. Então, o aplauso explodiu de novo e desta vez se estendeu durante mais do que o dobro de tempo do anterior.

O aplauso só se deteve quando uns cinco agentes de segurança foram até o final da sala e exigiram aos argentinos que os acompanhassem para fora do recinto. Os argentinos se negavam a ficar em pé e, com os braços cruzados, pediram explicações sobre o motivo pelo qual os requisitavam. Em uma jogada arriscada, disseram que só aceitariam ordens dadas pela polícia. O ato permaneceu interrompido sob os olhares de centenas de estudantes, alguns funcionários e o próprio Presidente perplexos diante da tensa discussão e da luta incipiente. Minutos mais tarde, chegou a polícia. Depois que se repetiram os pedidos de explicações, que nunca chegaram, os argentinos aceitaram deixar a sala. Em um gesto de notável nobreza, o coreano se retirou com eles, voluntariamente.

Escoltados pela polícia, sob o olhar atônito de todos os presentes, os três estrangeiros se encaminharam até a saída. Então, uma força interior que eu desconhecia até esse momento, se apoderou de mim. Era meu destino. Sem nenhuma possibilidade de escolher, comecei a aplaudir. Meus companheiros me olharam surpresos, mas entenderam com rapidez e se

uniram. O aplauso já não soava à diversão, mas à exigência de terminar tudo aquilo. Era firme, duro e monótono como os discursos do Presidente.

Depois de alguns de minutos, o Presidente entendeu a mensagem completamente. Cheio de fúria, deu um golpe de punho sobre o púlpito e se foi insultando, seguido pelos seus assistentes.

Quando todos os funcionários já tinham desaparecido, o aplauso se tornou jovial e festivo. Os estudantes acrescentaram gritos e alguns cantos. Enquanto a celebração se estendia, nos olhávamos com incredulidade e cada olhar continha um reconhecimento.

Como uma catarata, as lições vieram até mim, uma após a outra. Hoje, essas lições são as que quero compartilhar com vocês.

Não aceitem os sermões nem os discursos unilaterais. Não ofereçam reverência nem, muito menos, medo. Resistam com inteligência, com originalidade e até com alegria. Um aplauso também pode ser um ato de rebeldia. Peçam explicações e não cedam até obtê-las. Perguntem, sempre perguntem. Não deixem sozinho o justo, o que tem razão. Não falem demais e, em vez disso, escutem os demais com atenção.

Como Presidente dessa grande Nação, lhes proponho que, hoje e sempre, com mais atos do que palavras, façam ouvir suas vozes.

O dia mais triste da minha vida

Tenho imagens claras daquela época, embora um pouco misturadas, como em um documentário pela metade. O contexto aparece para mim, ademais, confuso. Digamos que eu tinha uns dez anos. Ou, algo mais preciso: ainda podia sentir a ansiedade prévia a uma partida de futebol, jogar sem pensar no tempo e apoiar meu time com paixão. Eram tempos em que jogávamos futebol em uma espécie de campinho, um pedaço de terra no meio de uma praça, que nessa época parecia grande para mim. Lá chegavam os meninos do bairro (muitas vezes com seus familiares), muitos dos quais só conhecíamos pelos seus apelidos. Minha irmã e ele também jogavam.

Foi em uma dessas partidas que tive que enfrentar uma nova realidade. Eu havia começado a jogar melhor que ele, apesar de ter sido justamente ele quem me ensinou. Me neguei a aceitar. Essa batalha esmagadora contra o inevitável se estendeu durante muitas partidas, nas quais eu baixava meu nível de jogo de maneira deliberada, tratando de que minha nova superioridade não ficasse em evidência. No entanto, essa forma de (não) jogar demonstrou ser insustentável e com o passar do tempo tive que me resignar ao fato de que as coisas tinham mudado. O novo estado foi se tornando normal e se estendeu gradualmente ao futuro. Anos mais tarde, quase sem perceber, me dei conta de que já não havia partidas na praça nem partidas com ele.

Porém, não foi esse o dia mais triste da minha vida.

Muitos anos depois, aquele dissabor que acreditei estar extinto decidiu voltar, com outro rosto mas com a mesma aspereza. Ele sofreu um acidente do qual nunca se recuperaria completamente e teve que ser operado de urgência. Pela primeira vez, me senti no comando. Então, além de sentir a dor pelo seu sofrimento, me senti egoistamente sozinho, desprotegido e com vontade de chorar, como me sinto agora enquanto mergulho nas lembranças dessas sensações.

Também compreendi que é possível ser feliz mesmo em um profundo estado de tristeza. Por isso me alegrei, apesar de tudo, de poder estar ao seu lado naquele momento de necessidade e tentei lhe dar, por uma vez, a

segurança que ele sempre me deu. Por sorte, superou a operação, embora algo tenha mudado para sempre... e tinha um sabor decididamente amargo. Também aquela vez, como todas as vezes, o inevitável se converteu em normalidade. Mas, as segundas vezes sempre trazem uma lição que nem as primeiras nem as terceiras vezes trazem: a possibilidade da repetição.

No entanto, esse não foi o dia mais triste da minha vida.

O dia mais triste da minha vida ainda não chegou. Mas é tão doloroso que já posso senti-lo.

O termo

«A explicação do porquê perdoo tudo reside no meu amor por ela...mas qual é a explicação do meu amor por ela, realmente não sei.»

Anton Tchekhov

I

Eu amo a Claire. Em troca, é ela quem não me ama. Ou talvez me ame como pode, à sua maneira, de um modo transacional, eficiente, capitalista. Ou talvez não pode me amar (ou amar), mas tenta. Em qualquer caso, ela expressa seu amor (que não sei se é amor) de uma forma tão estranha, tão alheia, que para mim é incompreensível. Às vezes me sinto um hóspede, um convidado em sua vida, que se adapta ao perfil teórico de homem que ela desejaria ter ao seu lado. Ou como uma peça, às vezes desejável, às vezes necessária, dentro do seu tabuleiro de xadrez. Isso, seu amor, tem contornos sofisticados, sutis e expressivos. Tem o corpo da formalidade, do planejamento, da eficiência, talvez formas que seu amor consiga, tenta ou pode se manifestar. E apesar de todas essas pistas, de todos esses caminhos que convergem para o mesmo ponto, me custa entender a realidade, a qual não está à vista porque há um manto, às vezes feito do oposto, que busca encobri-la. Mas deve haver um modo de resumir tudo isso, de conseguir transmiti-lo sem tantas considerações, sem tantas voltas. Existe. É o termo.

II

Não é fácil amar a Claire, mas faço isso e não me surpreende. É inteligente, bela e tem um temperamento forte que às vezes aceito como personalidade. É uma mulher de ação e ideais. Poderíamos fazer grandes coisas juntos se apenas nos compreendêssemos um pouco mais, se apenas quiséssemos compreender-nos um pouco mais. E eu quero, porque compartilhamos algo muito especial: nossa negação em aceitar os termos da realidade. Ou isso, ao menos, é o que quero acreditar.

Se tivesse que sintetizar a Claire em apenas uma palavra, sem dúvidas utilizaria o termo. Se essa possibilidade fosse proibida, então diria que é uma mulher dura, como uma pedra arredondada do rio, com todo o bom e o mal que a dureza tem a oferecer. Uma dureza racional que cobre um

coração tão sensível quanto adiado, com o qual choco, sem remédio, muito mais que o desejável. E do que a nossa relação pode tolerar.

Só mencionei uma vez o termo a Claire, de passagem, quando eu ainda falava de maneira espontânea e despreocupada com ela. Quando não havia entrado em sua lógica. Fiz isso muito antes de acreditar que o termo era a melhor maneira de defini-la, como eu acho agora. Foi o único modo de descobrir com precisão o que aconteceu logo após um dos momentos mais importantes da nossa relação: a primeira vez que fizemos amor.

Tudo aconteceu naquela cidade do Norte, tão cômoda e funcional para todos, especialmente para ela. Talvez foi nosso amor pelas viagens de trem o que levou ao nosso encontro, às seis da tarde, na estação central. Claire chegou com uma impontualidade planejada. Caminhamos e nos seduzimos sem pressa, sob a luz tênue do sol outonal que se despedia entre as modernas torres do distrito financeiro. A noite nos alcançou e, com ela, o jantar. Nos deixamos envolver pela confiança, os olhares e a fumaça dos estudantes que lotavam o lugar, um dos bares mais tradicionais da cidade. Já em sua casa, o primeiro beijo nos levou à cama, onde nos amamos com ardor e ansiedade.

Encharcados de suor, não foi difícil nos dispor ao prazer renovador de um banho quente. Ela entrou primeiro. Quando saí do banheiro, pronto para dormir ao seu lado, tive que me adaptar a uma mudança de planos: ela me pediu que dormisse no sofá. Estando em sua casa, tinha todo o direito de pedir isso e minhas épocas de ingenuidade tinham terminado fazia muito tempo, mas ainda assim me surpreendeu. Enquanto olhava o sofá buscando respostas, tentei convencer a decepção de que a nossa solidão ali não seria tão má. Não podia entender como Claire era capaz de interromper, desse modo, a magnífica conexão que tínhamos alcançado. Não tinha nenhuma dúvida, nem tenho agora, de que havia sido mútua.

Assim revelei a ela tempos depois, quando voltamos aos detalhes daquela noite. Eu seguia sem compreender. Foi nesse momento quando utilizei o termo, pela única vez. Agreguei que talvez se tratasse de diferenças culturais. Não era a primeira vez que experimentava esse tipo de comportamento naquelas terras centrais, onde o pragmatismo governava sobre os símbolos e a vida tendia a se reduzir, sem conflitos, a um punhado de argumentos. Nessas regiões, depois de tudo, eu havia presenciado longos debates sobre a conveniência ou não de ter filhos, nos quais as posições se apoiavam em adição e subtração de tempo, dinheiro e desenvolvimento

profissional. Mais surpresa que a cena do sofá, agora longe, me despertou sua desproporcional reação ante meu ponto de vista. A beira da ira, me explicou que seu modo de agir não lhe parecia de forma alguma extraordinária e que não era a primeira vez que mandava alguém para o sofá ou que ela era a enviada. Não me respondeu quando lhe perguntei como tinha se sentido no meu lugar. Sem dúvidas, estava muito chateada pelo uso do termo, mas eu só compreenderia o significado dessa raiva muito mais tarde. A omitiu e descarregou na minha «generalização» sobre os comportamentos humanos naqueles países invernais. Como se as culturas não existissem ou não fosse diferentes. Como se pudessem explicar essas diferenças sem falar em termos gerais. Como se pudesse negar —usei um doloroso exemplo da minha própria terra— que na América Latina há uma cultura machista que mata.

A tensão chegou a tal ponto que tivemos que interromper o debate que havia se tornado abrasivo e dilacerante. Somente na metade do dia seguinte pudemos recuperar certa normalidade e durante as horas que se seguiram me doeu compreender que havíamos desperdiçado a preciosa oportunidade do conflito para nos aproximar e enriquecer-nos.

A sua tendência à irritação precoce e explosiva foi a nova surpresa que encontrei e, por desgraça, a encontraria cada vez com maior frequência. Tampouco seria a última vez que dormiria nesse sofá, um de seus muitos recursos, sutis ou não, para impor condições.

Ela rejeita, definitivamente, a cumplicidade que lhe proponho. Prefere, em vez disso, um império. Não sei, ainda, se trata-se de uma diferença pessoal ou cultural.

III

As discussões com Claire são difíceis. Ela as considera desnecessárias, uma perda de tempo. Terminam rapidamente em becos sem saída, cenário ideal para que a tensão cresça. Não acredita que vale a pena dedicar energias a compreender e polir nossas enormes diferenças pessoais e culturais. É melhor ignorar, esquecer e avançar. No final das contas, o tempo é escasso. Não é estranho, então, que busque encerrar as discussões unilateralmente: «Isso é assim, não há mais o que falar, aceite e acabou». Se isso não funciona —nunca funciona—, então não lhe escapa a possibilidade de encerrá-las batendo a porta. Na hora de abri-la, ela costuma advertir que eu não deveria ficar bravo pelo que está a ponto de me dizer,

algo que nunca aconteceu. Ao fim e ao cabo, ficar com raiva é a maneira mais clara de se admitir intolerante ou sem argumentos.

Quase sempre falamos em espanhol, exceto quando discutimos. Nesse caso mudamos para o inglês, por iniciativa minha, para aportar neutralidade e fluidez ao intercâmbio. Além do seu próprio idioma, Claire fala um excelente inglês e um espanhol muito bom. Sem dúvidas, ela preferiria discutir em espanhol, mas na realidade se trata de um obstáculo na hora de se expressar que prefiro evitar para não complicar ainda mais as coisas.

Nossas discussões opacas são apenas um dos pontos dos nossos problemas de comunicação. Não temos inconvenientes quando se trata de trocar informação de forma prática, como horários, lugares ou passagens. Inclusive, ela toma a iniciativa. Talvez o único problema seja que toda essa informação é secundária para mim. As coisas se complicam quando nos afastamos das coisas concretas e não é estranho que Claire ignore minhas conversas sobre livros, ideias ou sentimentos. Se andamos de bicicleta, prefere a velocidade à conversa. Quando estamos viajando, não responde as minhas mensagens. Ou o faz com completo afastamento, como se a distância física alcançasse a nossa conversa. E não é que eu seja um cara chato. Acontece que ela está muito ocupada. Com muito trabalho. E ela só gosta de responder bem. E quer fazer isso em espanhol, para praticar o idioma. Isso lhe demanda tempo, tranquilidade e concentração. O que lhe falta. Por isso não me responde.

Quando falamos sobre nossa relação e nossos sentimentos, Claire «avalia» cada um dos aspectos que lhe preocupam. Se é um momento difícil, informa que não está disposta a «investir sentimentos» em vão. Acredita que nossos conflitos são devidos, em boa medida, a minha irresponsável prática de «jogos de poder». Para ela, nossa relação pode passar «de cem a zero» em um piscar de olhos; se os períodos são mais longos, desenha no ar a evolução no tempo dessas pontuações, através de curvas funcionais que sobem e descem, com picos em alguma briga ou reconciliação. Claire não estuda matemática, nem economia, nem nada que pareça uma ciência exata. Por sorte. Ela é consciente de tudo isso e admite, com um orgulho que não posso acreditar. Se autodefine como uma pessoa «prática» e «nada romântica» na hora do amor. Obrigado por esclarecer, Claire.

Na hora de «gerenciar seu tempo», Claire sempre tem uma agenda a mão, pronta para ser consultada ou preenchida. É como uma extensão do

seu corpo, quase um órgão. Às vezes, esse pequeno caderno parece pulsar. Nela reflete sua vida otimizada, cheia de eventos laborais e sociais que podem estar datados há mais de um ano. Durante a época de êxtase, o verão, não é impossível ter que reservar um momento para ir caminhar, talvez na próxima semana. Não há lugar na sua agenda para a intimidade (que não tem porque ser física), essa atividade tão improdutiva. Sua vida social está muito mais nutrida que a minha, o que não representa um grande mérito... afinal de contas, sou um escritor. Isso não significa que esteja menos sozinha (pode até explicar), como muitas das pessoas que encontramos em todos esses eventos aos quais assistimos. Nem sequer eu consigo penetrar essa solidão que ela confunde com independência. Definitivamente, as agendas, como os orçamentos, são a melhor forma de expressar prioridades. E temos prioridades muito diferentes. Por exemplo, com relação à família e ao trabalho.

Claire considera sua família como um conjunto de indivíduos adultos que compartilham os mesmos sobrenomes, quase uma questão administrativa. Devem assumir suas próprias responsabilidades, ela não tem porque cuidar deles ou dos seus problemas. Tem dificuldade em entender a importância que a minha família tem pra mim e considera exagerado que a considere uma «fonte de amor incondicional».

Como muitas pessoas ao seu redor, Claire trabalha muito e está orgulhosa de fazer isso. «Estive trabalhando muitíssimo» ou «Tenho muito trabalho a fazer» são frases de cabeceira. Frequentemente, trabalha aos sábados e sempre leva consigo alguns materiais de trabalho, por precaução. Graças a esta dedicação tem uma carreira de sucesso e está a caminho de se tornar uma especialista em sua área. Sua vida profissional se projeta sólidamente para o futuro e com ela contribui para o desenvolvimento do seu país já desenvolvido. E isso me lembra algo: ela não gosta que diga «desenvolvido», por ser uma palavra que «cristaliza as relações de dominação existentes». Como não quero ser um opressor semântico, me corrijo: seu país de alta renda per capita.

O interesse de Claire pela política foi uma das coisas que mais me entusiasmaram quando a conheci. Pelos motivos que sejam, ela ajuda com determinação aos mais necessitados da cidade em que vive (que não é sua cidade, como nenhuma é) e isso tem um valor incalculável para mim. É vegetariana e tem uma forte consciência ecológica. Pratica um discurso progressista e anticapitalista bastante duro, nutrido de palavras fortes como

«resistência», mas que não lhe impede de adorar Nova York e cultivar o desejo secreto de algum dia viver lá. Não cai, ao menos em minha presença, na ingenuidade de propor o socialismo como alternativa. Para minha decepção, não desenvolvemos a conversa política. Talvez, não lhe interessa realmente ou talvez me considere um interlocutor pouco valioso. Afinal de contas, sou um mero liberal e, talvez, minha crença na igualdade de oportunidades lhe resulta um tanto ingênua ou insuficiente. Quando, por fim, estabelecemos uma conversa política, ela não gosta que façamos isso deitados ou «em posições onde um predomine simbolicamente sobre o outro»; traduzindo, que um esteja de pé e o outro sentado. Acredita que a maioria das pessoas não está preparada para votar. Porque, como todo mundo sabe, os únicos preparados para votar são os progressistas.

Como uma boa progressista, repudia com justiça o nacionalismo e o machismo. Faz isso com devoção, detectando-os e sinalizando-os o tempo todo. E às vezes com exagero, como se tivesse a imperiosa necessidade de ser politicamente correta. Quase tudo é nacionalismo sob o seu ponto de vista: sinalizar uma diferença cultural, minha camisa argentina de futebol e os humildes camponeses que celebram um dia nacional com roupas típicas. Não compreende o amor pelo próprio lugar, o que não tem porque se traduzir em atitudes negativas para com os outros. Quase tudo, também, é machismo: abrir a porta para ela, divergir com uma mulher sobre o machismo e os títulos femininos que terminam em o. Não só acredita (como eu) que as mulheres têm os mesmos direitos que os homens, mas também que homens e mulheres são exatamente iguais. Qualquer desculpa é boa para me qualificar como nacionalista ou machista, embora logo termine por admitir, quando as tempestades passam e exijo definições, que não, eu não sou.

O emaranhado de micro-regras não se limita a nossa postura física para a discussão política. Pelo contrário, se expande de um modo entrópico a todos os cantos da nossa vida conjunta. Algumas das micro-regras, é justo dizer, até tem seu lado positivo, como a obrigatoriedade de fazer algo aos sábados à noite. Outras tem a cor da extravagância —especialmente durante o limitado verão—, como ter que permanecer fora de casa até a noite cair. Não se tratam de declarações gerais, mas de leis não negociáveis. Poderia enumerar detalhes da legislação clareciana até invadir toda a história, mas não teria sentido. Para resumir, todas essas micro-regras, juntas, são decididamente desgastantes.

O pântano de regulamentos no qual Claire caminha com dificuldade expõe sua inflexibilidade, sua forma estruturada de ser. Acredita que ter uma explicação equivale a estar certo. E ponto. Isso conduz à incapacidade de admitir erros e, por consequência, de oferecer desculpas. Prefere deixar os contrapontos não resolvidos ou aceitar que as duas partes tem razão, ainda que as posturas se contradigam. Só como último recurso aceita oferecer desculpas, sempre depois de mim e nunca por iniciativa própria. Quando faz isso, quase nunca são genuínas (não poderia exigir tanto), mas sim um recurso prático para finalizar uma discussão que considera longa demais. Ama, ou necessita, ter o controle. Reconhece que «odeia as surpresas» e que a chamaram, no passado, «uma mulher dominante». Seu switch de amor lhe permite (acredita que lhe permite) decidir seus sentimentos, os quais podem mudar abruptamente com apenas um click, como se fossem uma lâmpada.

Às vezes, suas idéias sobre privacidade e a intimidade me confundem. O sexo não significa muito para ela, algo que comecei a compreender no dia da nossa primeira vez. Em troca, dividir a cama (dormindo, literalmente) lhe parece uma experiência muito mais íntima. Sai para correr várias vezes por semana, mas não me permite acompanhá-la, pois «é um momento muito pessoal e privado». Não gosta que tirem fotos dela. Pratica yoga e meditação; a julgar pelos resultados, de maneira insuficiente. Tem, e não me surpreende, problemas para dormir.

Nada disso lhe impede de acreditar que é uma mulher mentalmente aberta. E talvez seja, segundo sua concepção de abertura mental, a qual se limita em ter um discurso politicamente progressista e ao exercício da liberdade sexual. No entanto, essa concepção não inclui a flexibilidade, a tolerância nem a humildade perante outras formas de ver o mundo ou de fazer as coisas, por menores e mais insignificantes que sejam.

Claire é uma mulher complicada.

IV

Acho que ela sofre de dissociação. Se trata do conflito entre suas razões no comando e seu coração submetido. Tudo para evitar a inconveniência do sofrimento. No entanto, suas razões sabem que não é bom viver sem coração, assim que buscam emula-lo de maneira artificial que minimize os riscos. Constroem uma fachada à imagem do seu coração que não lhe exige ceder o controle. Esse instável castelo de artifícios gera

uma curiosidade colateral: Claire tende a ver causas onde há consequências. Então confunde o temperamento com a paixão, a cortesia com a bondade ou a brutalidade com a honestidade.

O termo revela esse conflito em sua totalidade e por isso lhe dói tanto. Nada de tudo o que passou entre nós, que foi muito, lhe produziu um impacto tão profundo quanto a única vez que o mencionei. Define com contundência a forma em que suas razões dirigem seu comportamento, contrário ao seu coração. O coração que me escolheu e com o qual as vezes ainda posso me encontrar. Por isso, uma parte de Claire traz a lembrança do termo de maneira recorrente: é seu coração pedindo ajuda.

Então, da única forma possível, vou com meu coração em busca do seu, sem cálculos nem especulações. Aceito meus defeitos, meus erros, minhas culpas. Me flexibilizo, além do razoável. Corro riscos e exponho meus sentimentos, agora carregados de contradições. Fico inconsistente e muitas vezes me sinto um idiota. Duvido. E a cada passo em falso, suas razões me castigam e não hesitam em me humilhar.

V

Estou disposto a amar Claire, apesar de tudo isso, para sempre. Eu sei e ela sabe. Mas suas razões não permitem e conseguem que seu coração se afaste cada dia um pouco mais. Enquanto isso, o termo que há nela avança sobre mim e sou incapaz de contê-lo. A situação, admito, me supera. Me desgasto, debilito e apago. Ela percebe, reivindica e, como não poderia ser de outra maneira, me culpa. Em meu lugar, teria se deixado há muito tempo, talvez no mesmo dia da nossa primeira discussão. Ou da segunda, como em parte fez. Mas não sou como ela e não estou disposto a ser. Assim que resisto, sem futuro, contra as evidências. Não só digo que não vou me render, mas não o faço. Não serei eu quem abandonará seu coração. Será ela quem fará isso, por fim, quando me deixe completamente.

O Informe Picaresco

*Para minha mãe, a prof de literatura,
e meu pai, o engenheiro.*

Poderia dizer que essa é a história de como se gestou —e de como morreu?— o Informe Picaresco, um gênero literário nascido às margens do Rio da Prata. Mas também poderia dizer que é a história de seus criadores, dos alunos da Facultad de Ingeniería de la Universidad de Buenos Aires (FIUBA) empurrados pelo destino até os limites da literatura existente. Em nenhum dos dois casos faltaria à verdade.

É indispensável uma breve biografia dos alunos. Vindos das margens da Cidade de Buenos Aires, viajavam até duas horas para chegar à sede principal da FIUBA, localizada no nostálgico bairro de San Telmo, cenário ideal para uma história triste como essa. É possível que nessas longas viagens tenham alimentado seus conhecimentos literários. Também está comprovado que adquiriram um grande conhecimento sobre o transporte público da cidade, mencionados anos mais tarde em alguns escritos informais. O contato cotidiano com o subúrbio tornava-os ariscos, flexíveis e arrojados.

Para ser justo, é necessário reconhecer que os alunos não careciam de aptidões para a ciência mas sim de interesse em implantá-las. Inclusive, alguns ex-companheiros os classificaram como «muito bons». Esse comportamento esquivo não é, no entanto, incompreensível. Afinal de contas, uma pessoa não tem que se dedicar a algo só porque é boa nisso. De fato, nem sequer tem que fazer isso porque quer. E as razões podem ser muitas, como o sentido do dever, o prazer da rebeldia ou a aversão ao tédio.

Em qualquer caso, esses alunos decidiram inovar no campo da Ciência injetando uma boa quota de Literatura aos precisos, estáticos e chatos Informes Científicos. Dessa forma, inspirados no clássico Romance Picaresco, deram nascimento ao que batizaram como o Informe Picaresco.

O Romance Picaresco é um rico gênero literário desenvolvido na Espanha pós medieval durante o chamado Século de Ouro. Nasceu como uma sátira da narrativa cavaleiresca (e da sociedade que lhe havia dado

origem) dos séculos anteriores. O protagonista desse gênero é o pícaro, um personagem de baixa posição social, sem ética nem moral, que busca sobreviver a qualquer custo. Sua história contém uma crítica à sociedade que o rodeia e, definitivamente, o condena. Na hora de escolher uma referência entre os Romances Picarescos, os criadores do gênero não escondiam sua preferência pela *La pícara Justina*, acima dos outros títulos mais famosos como *Lazarillo de Tormes* ou *La vida del Buscón*.

Como é possível que dois estudantes de Engenharia estivessem cientes desta informação continua sendo uma grande pergunta. O mais provável é que se tratasse de algum tipo de erro, esse acontecimento tão indesejável quanto potencialmente enriquecedor.

Uma análise linear poderia nos levar a pensar que esses alunos deveriam ter se inscrito na Faculdade de Letras e não na de Engenharia. O argumento se apresenta sólido e racional, mas não contempla que a criação artística às vezes segue caminhos misteriosos. Ou não tanto. O mais provável é que um aluno de Letras jamais saiba (felizmente para ele) o que é um Informe Científico e, portanto, é difícil que possa considerar uma evolução conceitual do mesmo.

É quase certo que o cansaço e o tédio dos alunos na hora de realizar os Informes Científicos foram as bases sobre as quais o Informe Picaresco foi construído. No entanto, esses argumentos se mostravam insuficientes na hora de expor e defender a nova criação perante as autoridades acadêmicas, momento que chegaria cedo ou tarde. Se agarraram, então, a um maior desenvolvimento conceitual que justificasse o nascente gênero literário .

É importante constar que os alunos decidiram focar nos Informes Científicos da Faculdade, realizados sobre experimentos cujos resultados eram conhecidos de antemão. A este chamaram de ‘especial’ e adiaram o caso que incluía todos os outros Informes Científicos, ao qual chamaram de ‘geral’.

Os Informes Científicos tradicionais da Faculdade, com razão, estavam condenados à extinção, por repetir resultados já conhecidos por todos. E era compreensível que assim fosse. Portanto, deduziram, que era necessário agregar algum valor adicional e peculiar que permitisse acolher o mandato natural por excelência: a sobrevivência.

Depois de um extenuante trabalho criativo na *Costanera Sur* rioplatense, os alunos definiram as características de um Informe Picaresco, inspiradas nas orientações gerais do Romance Picaresco:

Narrado em primeira pessoa. O autor do experimento e do Informe é o protagonista, quem assume o papel de pícaro (de agora em diante, o Informador Pícaro). Os personagens complementares, no geral cúmplices do protagonista, podem ser outros alunos pícaros e/ou, melhor ainda, os mesmíssimos instrumentos utilizados no experimento, como um tubo de ensaio, uma pipeta ou um copo de água. Obviamente, esses instrumentos são personificados e com isso dão um infinito campo de desenvolvimento à imaginação do protagonista. Só para dar um exemplo, poderia mencionar que «a pipeta Julia, nem lenta nem preguiçosa, derramou seu conteúdo sobre o medroso preparado que ainda permanecia anônimo».

Perfil do Informador Pícaro. Para realçar o impacto da crítica e render uma homenagem ao seu gênero mãe —o Romance Picaresco—, é recomendável incluir informação, real ou não, sobre o protagonista. Trata-se de deixar claro sua moral questionável ou inexistente, sua origem marginal e sua carência de esperanças em um futuro melhor, para ele e para todos. Um anti-herói que se opõe ao estudante ideal que obtém um dez graças à realização de um informe tão correto quanto vazio. Alguém que não teme dizer a verdade porque, ao fim e ao cabo, não lhe importam as consequências. O Informador Pícaro não vem salvar seus leitores, mas arrastá-los para a lama em que já está mergulhado.

A forma de escrever é a prosa. Com elementos tomados do Informe Científico, em particular na hora de apresentar os resultados. E da Crônica, já que estamos falando da narração cronológica de um experimento.

Precisão. Além da insuportável imaginação a qual se submeta os leitores, a exatidão e a clareza dos resultados do experimento são inegociáveis. Não fazer isso seria converter o Informe Picaresco em um conto. E não é que ele não seja, mas também deve ser um Informe Científico. Mas fundamentalmente, esses resultados serão o abrigo de chumbo que resistirá aos inevitáveis ataques dos representantes da ordem estabelecida. É muito importante ter em conta que se os resultados não estiverem corretos, o Informe Picaresco será reprovado. É certo que, ao serem corretos, é muito provável que também. Mas a diferença será enorme: terão cometido uma injustiça.

Crítica. Uma vez assegurada a correção dos resultados, o Informe Picaresco conta com campo aberto para liberar a impressão satírica. A ciência, os professores, as instituições, a sociedade e até o sistema econômico mundial são alguns dos alvos preferidos. A crítica não tem

porque ser moralizante, assim que pode alcançar tudo e a todos, incluindo o próprio protagonista e seus cúmplices. A ironia, a perspicácia, a irreverência e, sobretudo, o humor inteligente são os recursos recomendados.

Determinismo. Apesar dos propósitos criativos, reformistas e até socialmente progressistas do Informador Pícaro, o final é sempre o mesmo: a repressão e o fracasso. Quase uma profecia sobre o destino dos próprios alunos criadores do gênero.

Armados com suficiente bagagem teórica, os dois estudantes escreveram o primeiro Informe Picaresco da história, titulado «Paixão de diapasões». Narrava o experimento conhecido como «Ressonância entre dois diapasões», cujo informe é apresentado em dezenas a cada quadrimestre pelos alunos da matéria Física I (Cátedra do Doutor Carlos Muslera). Como nota de rodapé, um diapasão é um instrumento em forma de forquilha que se utiliza para emitir sons (vibrações) a uma frequência conhecida, muito popular na hora de afinar instrumentos.

O informe que realizaram contava com sessenta e sete páginas, quando o Informe Científico médio resolvia a questão em apenas oito.

A obra estava encabeçada com uma citação de Alejandro Dolina que continha uma dedicatória: «*A pergunta final ('a quanto deverá vender o quilo de arroz?') é insignificante ao lado de outros questionamentos que não estão escritos, mas sim sabiamente sugeridos pelo Professor Frascarelli: A vida tem sentido? Há algum propósito no universo? Cumprimos sem saber com algum plano divino o diabólico?»*.

A narração tinha como estrutura geral a sequência tradicional do experimento, mas a trama iria muito mais longe até se converter em uma história de tons cavaleirescos. Nela, os alunos (quer dizer, o Informador Pícaro) se auto incluíam sob a pele de um personagem chamado Ñu, um mero ladrão de minúcias, posição a partir da qual desenvolviam a narrativa. Por sua vez, os diapasões adotavam nomes e personalidades definidas, e se convertiam em protagonistas de segunda ordem. Um dos diapasões se convertia na deslumbrante Sharon, enquanto que o outro adquiria a forma do imparável Alejandro. É claro que, antes de começar com as aventuras propriamente ditas, Ñu apresentava seu penoso passado pessoal, seu papel na história (por razões pouco honrosas, se convertia em uma espécie de escudeiro de Alejandro) e sua primeira série de críticas aos outros personagens, à sociedade que o rodeava (com claras alusões à sociedade

atual) e, por simples tradição, à cor cavaleiresca da própria história. Terminadas as formalidades do gênero, a ação (e o experimento) por fim começava. Sharon foi sequestrada por um desagradável dragão de pele mucosa, casualmente chamado como a Assistente de Trabalhos Práticos da matéria, e era levada ao coração do Reino Unitário de Muslera. Ali era exposta as mais terríveis torturas, entre as quais se destacava a exposição por muitas horas de incompreensíveis demonstrações matemáticas do malvado mas instruído Rei Carlos, como o fim de forçá-la a revelar os segredos guardados do seu próprio Reino. É claro, Alejandro decidia ir ao resgate de sua amada, o que lhe exigia superar uma inumerável quantidade de obstáculos (o processo do experimento, documentado nas planilhas anexadas). No momento mais crítico da história, um desses obstáculos parecia não ter salvação e colocava Alejandro de joelhos, ao ponto de obrigá-lo a escolher entre abandonar sua amada ou entregar sua própria vida (o detalhe da cena, um mero passo do experimento, fazia uma magistral alusão metafórica à ‘crise vocacional’ que sofrem os estudantes de Engenharia quando as ciências duras os transbordam). Nosso herói, é claro, decidiu entregar sua própria vida e com isso, na verdade, a salvava. O final, feliz, reuniu Alejandro e Sharon em um amor eterno (uma ressonância). Ñu, ao contrário, voltava a sua vida de privações, depois de que —segundo seu ponto de vista— suas contribuições não foram suficientemente reconhecidas.

É possível que o valor artístico da obra não tenha sido totalmente claro (ou talvez fosse em excesso), já que a Doutora em Física Ema Gasparini, Chefe de Trabalhos Práticos, resumiu sua apreciação do trabalho como «uma falta de respeito, uma insolência, uma brincadeira de mal gosto». O tom furioso pareceu confirmar a inexistência de metáforas ou mensagens entrelinhas. Enquanto agarrava a cabeça com uma mão e agitava o informe com a outra, voltou a gritar que «nunca tinha visto algo assim», comentário que os estudantes receberam com particular satisfação, embora trataram de minimizar o que consideravam um elogio desmedido com um «não é para tanto, não é para tanto».

Os alunos expuseram à Doutora uma breve gênese do novo gênero literário e seus fundamentos teóricos, mas ela olhava atônita para eles. Consternada, se perguntava em voz alta «se tudo aquilo era verídico» ou, em vez disso, se tratava de «uma continuação do descaró». Cercada pelos argumentos, decidiu dar por terminada a controvérsia ordenando aos alunos

«refazer o informe de maneira tradicional», sob ameaça de reprovar a matéria ou aplicar sanções disciplinares.

Tomando em consideração um critério de resultados, é possível que os alunos tenham cometido o erro de não juntar um anexo que desenvolvesse o conceito do Informe Picaresco e desse contexto à nova criação. No entanto, os autores consideravam que «uma obra deve se impor pela sua própria força». E que, «como o humor, a arte não tem que ser explicada».

Encurralados, os alunos terminaram cedendo, traindo-se. Confeccionaram um informe cinza, abandonaram suas ambições criativas e seguiram o caminho que a obtenção de títulos demanda. Um deles obteve posteriormente uma boa posição em Alemanha. Do outro se perdeu o rastro, embora alguns o descrevam «perdendo o tempo no primeiro ou no segundo cordão dos subúrbios de Buenos Aires».

Os homens passam, mas as boas idéias sempre encontram, cedo ou tarde, um espírito livre que insiste em trazê-las à luz.

A fórmula do sucesso

[O Doutor Engenheiro Armando Sanguinetti ingressa à sala de aula onde dará a primeira aula do seu clássico curso de Probabilidade e Estatística, na Faculdade de Engenharia da Universidade de Buenos Aires. Veste, é claro, uma camisa de xadrez nas cores vermelho e azul, jeans preto e sapatos muito gastos. Sua figura foi danificada pelos anos de sedentarismo e parece que sua vista também, porque utiliza um óculos de lentes grossas. Além disso parece ter problemas com um dos seus olhos, já que antes de falar precisa acomodar a pálpebra algumas vezes (com seu dedo anelar, depois de saliva-lo), ajuste que seguirá realizando durante toda a introdução e, mais tarde, durante a aula. Depois da saudação geral, inicia a introdução.]

Eu gosto de começar este curso perguntando para que servem as matemáticas.

[Sanguinetti faz uma panorâmica da turma, convidando os alunos a responder: Alguns, com timidez, aportam respostas que lhe dão pé para continuar.]

Como podem ver, a maioria das respostas descrevem aplicações concretas, como construir uma ponte, lançar um satélite ou manter a contabilidade de uma empresa. Ou estudos de outras ciências com base na matemática, como a Física, a Eletrônica ou a Informática. As respostas são corretas do ponto de vista técnico, mas às vezes a correlação é a melhor maneira de ocultar a verdade.

A resposta verdadeira é muito mais simples: a matemática serve para entender. Se trata de uma ferramenta que nos permite organizar conceitos, fazer interações, ver o que acontece e tirar conclusões.

[Sanguinetti faz uma pausa que permita aos alunos digerir as ideias que acaba de verter.]

Vejamos como isso se aplica na hora de pensar a famosa e geralmente esquiva «fórmula do sucesso».

Cada dia, legiões de pessoas equivocadas buscam o sucesso, esse resultado tão efêmero. Acreditam erroneamente, que os levará à tão

promovida felicidade. E fazem isso com tanto afincamento que se torna impossível sugerir-lhes outros caminhos.

A forma mais eficiente e improvável de acertar consiste em não se equivocar. Uma alternativa mais humana é se equivocar pouco e, sobretudo, rápido. O equívoco rápido economiza valiosa energia e permite retomar logo o caminho do sucesso.

Em resumo, já que somos incapazes de impedir que todas essas pessoas busquem o sucesso, tentaremos ajudá-las a encontrar rápido. Para isso, lhes proveremos a «fórmula do sucesso». E quando digo fórmula, me refiro a fórmula, não a palavreados .

Começamos por concordar o significado da frase «fórmula do sucesso». Entendemos por «fórmula» a estruturação simbólica de fatores que conduzem a um resultado repetível. E por «sucesso» a conquista de um objetivo preestabelecido, assumindo que o tempo e a forma se encontram subsumidos nele.

Para alcançar o sucesso só é necessário desenvolver quatro fatores fundamentais: Capacidade, Esforço, Criatividade e Coragem. Está claro que se maximizamos nossas quantidades deles, melhoraremos a conquista de objetivos, enquanto que se minimizamos eles obteremos pouco ou nada. Para que isto seja útil, é necessário encontrar não só os fatores que contribuem para o sucesso (bem sabidos por muitos) mas também a combinação dos mesmos, de forma tal que logremos otimizar os resultados.

O primeiro que temos que saber é que existem dois fatores, a Capacidade e o Esforço, que contribuem de maneira linear ao resultado, enquanto que os outros dois, a Criatividade e a Coragem, fazem isso exponencialmente.

[Sanguinetti vai até um extremo da sala, pega um marcador preto e, de costas, começa a escrever na lousa. Os alunos aproveitam a pausa para intercambiar olhares de incredulidade.]

Suponhamos a seguinte nomenclatura:

CA = Capacidade

ES = Esforço

CR = Criatividade

CO = Coragem

SU = Sucesso

exp = «exponencial», ou seja, a função que multiplica um valor por si mesmo tantas vezes quanto indica o expoente que o acompanha.

Uma possível fórmula que expresse isso poderia ser vista da seguinte maneira:

$$SU = (CA+ES) \exp (CR+CO)$$

[Sanguinetti olha novamente a turma, enquanto deixa a mão apontando vagamente para «fórmula do sucesso» a qual chegou. Depois, prossegue.]

Esta primeira versão da fórmula nos permite comprovar alguns fenômenos que sempre havíamos intuído, mas que agora formalizados com clareza podemos apreciar.

A Capacidade e o Esforço são importantes e necessários, mas lineares, previsíveis e limitados. A Criatividade e a Coragem são as que aportam vertigem ao alcance de um objetivo.

Máximas Capacidade e Esforço, com Criatividade e Coragem nulas, podem chegar mais longe do que Capacidade e Esforço nulos, com máximas Criatividade e Coragem. Embora não muito longe.

A níveis similares de todos eles, temos várias situações possíveis. Se esses níveis são baixos, a Capacidade e o Esforço fazem a maior contribuição. Se esses níveis são altos, a Criatividade e a Coragem fazem isso. Obviamente, se os valores são médios, então os fatores contribuem ao sucesso de uma maneira mais balanceada.

As conclusões que podem ser tiradas dessa fórmula não terminam aqui, mas creio que já entendemos o mecanismo de funcionamento, a parte mais importante de um processo de compreensão.

[Sanguinetti abaixa a mão e a deixa em estado de repouso, adotando uma postura corporal muito mais relaxada.]

No geral, a Educação e o Trabalho focam em desenvolver a Capacidade e o Esforço, em detrimento relativo da Criatividade e da Coragem. No caso da Educação, a maioria das matérias e tarefas tem a ver com o aumento da Capacidade em diversas áreas técnicas, a base de Esforço. Isso resulta, efetiva e positivamente, em uma melhora de ambas. No entanto, se bem que é possível encontrar exercícios por meio dos quais

se busca exercitar a Criatividade, não lembro de nenhum onde o objetivo explícito fosse desenvolver a Coragem.

A sua vez, intuo que a Coragem é mais importante que a Criatividade, já que sua presença resulta indispensável para que esta última tenha algum tipo de valor. Se assumimos que a Criatividade consiste em conceber novos caminhos, inexplorados e às vezes arriscados, a Coragem é o único motor que pode nos pôr em marcha para reconhecê-los.

É por esse último que, em meu tempo livre, estou trabalhando em um pequeno livro sobre «Estratégias, técnicas e exercícios para desenvolver a Coragem».

[Sanguinetti faz uma pausa quase imperceptível, talvez para medir o interesse dos alunos. Depois vira para a lousa, onde volta a apontar o marcador preto.]

Portanto, poderíamos aperfeiçoar a fórmula deste modo:

$$SU = (CA+ES) \exp (CR \exp CO)$$

Um próximo passo possível no desenvolvimento da fórmula seria a definição de escalas para cada um dos fatores, critérios objetivos para sua fixação e a incorporação de fatores de ajuste para obter uma escala cômoda de resultados (por exemplo, de 1 a 10).

Dessa forma tão simples chegamos à «fórmula do sucesso». Agora, graças à matemática, entendemos melhor. Mas não devemos nos enganar, as conclusões só resultam aproveitáveis se nos conduzem à novas perguntas.

[Com sua linguagem corporal inequívoca, Sanguinetti dá por finalizada a introdução. Se escutam poucos e mornos aplausos desde um dos cantos da sala. Apaga o quadro negro, depois volta a olhar os alunos. Se pergunta, retoricamente, o que é a probabilidade e começa a falar sobre o tema.]

Notas finais

Como me contactar

- Web. Versões digitais dos meus livros. Fazer download de forma gratuita em:
jmguerrera.com.ar
- Blog. Os relatos deste livro, traduções e mais, prontos para compartilhar:
medium.com/@jmguerrera
- Email. Para me escrever e contar o que você achou do livro:
jmguerrera@gmail.com
- WhatsApp:
[+54 9 11 2283 9356](https://wa.me/5491122839356)

Geralmente, os leitores ignoram o item anterior e me adicionam às redes sociais. As vezes, os aceito.

Você pode ajudar muito se:

- Escrever e me contar com total honestidades o que achou do livro. Sem dúvidas, tanto as críticas positivas quanto as negativas ajudarão a melhorar no futuro. Os pontos que seguem só são relevantes se você gostou do livro.
- Contribuir com o financiamento. Veja a primeira página do livro.
- Ajudar a distribuir livros como este. É só me pedir mais exemplares.
- Fazer circular o livro.
- Compartilhar nas redes sociais:
 - Seus contos favoritos. Você encontra publicados no meu blog, googlá-los!
 - Uma foto do livro.
- Deixar uma crítica do livro em plataformas como GoodReads.
- Me colocar em contato com alguma editora que possa se interessar em publicar este livro, os anteriores ou os próximos.
- Me ajudar a traduzir os relatos para o seu idioma, sem importar quão extravagante seja.

Outros livros de minha autoria

- *Punto Rosalía*
- *Una aventura miserable.*
- *Esto no va a ser fácil.*
- *Sucesión de despertares en una ciudad desconocida.*
- *Libro del futuro*
- Livro em desenvolvimento, será publicado no fim de 2021.
- Repito: podem baixar grátis na Web.

Ilustração da capa

O autor da maravilhosa ilustração da capa é Mariano Jofré. Ele gosta de desenhar e pintar. Sua conta no Instagram é @jofremariano.

Agradecimentos desta edição

*«Agradeça à chama por sua luz, mas não se esqueça do castiçal que,
constante e paciente, sustenta-a na sombra.»*
Rabindranath Tagore

Ao leitor por seu apoio.

À minha amiga Laís, por sua dedicada tradução.

À minha irmã Mer, pela revisão de todos os textos, mas também por me ajudar a buscar a profundidade que poderia haver neles. Nela admiro sua honestidade e coragem para enfrentar a verdade, começando pela própria. Recomendo seu blog «Última estación: fideos con queso» e seus livros de contos, disponíveis nas livrarias de Mar Azul.

Ao meu amigo Mariano, por sua ajuda em todas as questões relacionadas ao desenho visual do livro. Sua humildade e generosidade são

admiráveis.

Aos meus amigos Oto, Gaby e Noe, pela ajuda em todas as frentes deste livro.

À Mercedes, Fernanda e Pedro, os quais me ajudaram a revisar os textos desta edição.

À Lisa, Anna, Jörg, Branka e Naty, que ajudaram a traduzir alguns dos escritos para o inglês e o alemão. Essas traduções estão disponíveis no meu blog.

À María, pela ajuda desinteressada e sua posição estratégica na livraria.

À Pablo, Lari e Corina, por utilizar este livro com seus alunos e compartilhar comigo suas experiências.

Ao meu amigo Gonza, que me apóia com seu permanente e pouco sério assessoramento; e com seu vinho de grande qualidade. À Ceci, também.

Aos meus pais, os incondicionais.

A todos os que me ajudaram no processo de criação do livro.

Aos que ainda não me ajudaram, mas que em breve o farão.

Breve biografia

«..não há nudez mais genuína e terrível que a expressão artística, se é autêntica; já que toda obra de arte é uma autobiografia, não no sentido literal da palavra, mas no sentido mais profundo e grave: uma árvore de Van Gogh é Van Gogh, é sua própria e desnuda alma diante de nós.»

Ernesto Sabato

Se Sabato estiver certo, poderão me conhecer melhor lendo os contos deste livro do que as poucas linhas que seguem. Ainda assim, vou escrevê-las, porque meus conselheiros mais comprometidos insistiram com que «não encha o saco com Sabato e Van Gogh, a gente quer dados concretos».

Sempre escrevi, desde que aprendi a fazê-lo em 1989, na terna idade de seis anos. Comecei a publicar muito tempo depois, algo assim como aos dezoito. Primeiro, muito informalmente, com humildes fotocópias, depois em um jornal do bairro e mais tarde em um par de blogs. Entre 2016 e 2020, publiquei seis livros (cinco originais e uma seleção).

Nunca participei de uma oficina literária, o que talvez explique o resultado deste livro, seja qual for. Não é que me oponha a fazer isso, ao contrário, mas sempre que tenho tempo para a literatura, prefiro dedicá-lo a escrever ou a ler.

Tampouco me oponho a publicar com uma editora, porém o trabalho de encontrá-la é um projeto em si, geralmente árduo e pouco relacionado à literatura. Por sorte, ou por determinação, existem caminhos alternativos.

Há muito tempo, quando publicava fotocópias, costumava participar de concursos literários. Porém já não faço isso, por várias razões, como o tedioso dos processos de participação e minha desconfiança instintiva e não justificada para com os jurados.

Por isso, ou porque não sou tão bom, não ganhei prêmios nem reconhecimentos desse estilo. Isso não me parece importante, mas são coisas que se costuma mencionar nas biografias.

Não vivo da literatura. Isso me facilita escrever e publicar com uma enorme liberdade, sem nenhum tipo de condicionamento.

Agora sim, os dados concretos. Nasci em Palermo, Buenos Aires, mas cresci no subúrbio. Em San Andrés, meu bairro. Ali fui parte do Colegio Agustiniano, do Club Tres de Febrero (onde me formei como Salva vidas), da Biblioteca Diego Pombo e da agrupación Vecinos de San Andrés. Mais tarde me formei em Engenharia de Informática (UBA). Em paralelo, fui aprovado no primeiro ano de Ciências Políticas (UBA). Formado, fundei duas pequenas empresas junto com meu amigo Mariano, nas quais trabalho até hoje: Glidea e Drupal Soul. Durante os últimos anos, fiz muitas viagens, principalmente pela América Latina, Europa, Ásia e América do Norte.

Por último, o mais importante: estou muito feliz por escrever, publicar e compartilhar este livro com vocês.

Burocracia

Um dos aspectos positivos da autopublicação é que se pode dar à burocracia o lugar que merece: o pior de todos. Não o final, mas justo antes.

Primeira edição impressa. Editado por Juan Manuel Guerrero em San Andrés, Buenos Aires, Argentina, durante Outubro de 2019. 2000

exemplares. Impresso na Argentina. Fica feito o depósito que estabelece a Lei 11.723.

Esta obra está sob uma Licencia Creative Commons Atribución - CompartirIgual 4.0 Internacional. Esta é uma Licença de Cultura Livre!

Se já terminou de ler o livro, por favor passe-o :)